

Elvis Ferreira de Sá
Januacele Francisca da Costa
Fabia Fulni-ô
Miguel Oliveira Jr.
organizadores

FULNI-Ô SATO SAATHATISE

A fala dos Fulni-ô, Fulni-ô's speech



FULNI-Ô SATO SAATHATISE

A FALA DOS FULNI-Ô

FULNI-Ô'S SPEECH

Blucher

Fulni-ô Sato Saathatise
A Fala dos Fulni-ô
Fulni-ô's Speech

Organizadores

Elvis Ferreira de Sá

Januacele Francisca da Costa

Fabia Fulni-ô

Miguel Oliveira Jr.

Fulni-ô Sato Saathatise | A Fala dos Fulni-ô | Fulni-ô's Speech

© 2018 Elvis Ferreira de Sá, Januacele Francisca da Costa, Fabia Fulni-ô, Miguel Oliveira Jr.

Editora Edgard Blücher Ltda.

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed.
do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios, sem autorização escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Fulni-ô sato saathatise, a fala dos Fulni-ô, Fulni-ô's speech
[livro eletrônico] / Elvis Ferreira de Sá...[et al]. -- São Paulo :
Blucher, 2018.

3 Mb ; ePUB

Bibliografia

Obra trilingue, yaathe, português e inglês

ISBN 978-85-8039-359-0 (e-book)

ISBN 978-85-8039-358-3 (impresso)

1. Índios Fulni-ô - Narrativas pessoais 2. Índios Fulni-ô -
História e cultura 3. Índios da América do Sul - Pernambuco I.
Sá, Elvis Ferreira de

18-1826

CDD 980.41

Índices para catálogo sistemático:

1. Índios Fulni-ô - Narrativas pessoais

Naanese

Fulni-ô Sato Saathatise, khodjo oote etxidjoa se ktshale lixitse ke - Yaathe, klaithe, nede klaithe so - efekhla sato sake thfo etxileka, sake tha ya khese sato sake exnete nede ya khnafnika tha nelha khiase neka teeke ya tkookama ya setsondoa sato. Elvis Ferreira de Sá, setso Fulni-ô, titxdjoa ekhodjo saykhledwa eedjonese, feytonte etxkyäy sake Yaathe efenkhattotwa sato eddowase ekhnete satkhalayixite senenkya sayxinedwa efekhlatwa satoy, owa ethat'xi tetkya txtxo sake exinedwate khethaneman, Fulni-ô de yastowa sato efman senenkya eefea neka ethlonsehema. Fulni-ô he owa Brasil de kexa etxike etnidwa sato khetkya neho Pernambuco nese, Águas Belas ke eythnidwa. Owa yastowa sato sake Yaathe tha tolneho wati tha ethlonkya newde tha yeekhdese lahe. Owa sekhodjo thotxwa, yastowa awde Yaathe setso wati eethe exitia awde owa Brasil ke noka siate, naneka yastowa sato de eethe satheti nosehema, nema neka ethlonkyama txhatnete, nedeske titdjowa sato sake eethe sato tha etkahe, nedeske thxua tha ke yeekhdese sato tha eetenkyahé otxhaytowa eksa sato etheke.

Fulni-ô efekhla khoya tkano, otska khoya sake tkano nede txay lixino, awtoa sato khoya tkano owa sekhodjo txhua sake sayxineknoka, yaankya sato yake yastowa sato teeke tha ekhdedwa. Sasa sato:

I Holha Khia I Txifonte Imitiwa Tole, Eloi Lúcio Cajueiro de Amorim ksahe; Thnia Tayli, Tayti Correia de Amorim ksahe; I Khletxhaka Txtxo De I Ekhde, Aristide Leite Machado ksa; Settxtxo Duti Khia, Rita Santos de Matos ksa; Ooya Ttxtoso, Abdon dos Santos ksahe; Toonawde Ya Sentxhkya Khia, Romildo Barbosa de Lima ksahe; Yoosto Toonawa Sayonte, Romildo Barbosa de Lima ksahe; Yatkha Thoxankya Hle de Se Teeke, Agenor Ferreira de Sá ksahe; I fenkhattotwa Sato Dotka ke I Sawlinsese, Maria Brasilina de Amorim Ferraz ksahe; Setxfonse, João Lúcio Cassimiro ksahe; nede Yatxtxo Khiahe, Teresa Maria do Espírito Santo ksahe. Txhua se nalnise dmaneho sato Divanice Santos ksahe, setsonkya Fulni-ô, neka etheti nolneka, owa yastowa Fulni-ô de atxha sato knafnika eflekhlato sato eksahe.

Setso Fulni-ô sato eethe klaithe ke exineka khethnese nede naneka ethatkya fathowa ke ekhdete newde ekhneetika owa yastowa awde ekhdese, owa sake txlese owa yasa sato eksahe ekfalsede, eythnise ekhla yake exinekäy uunima sekfalseke ekhnedwa ya sake xinete ya yakhdese.

Ya thnihe ya nolneka eefaske owa atxha saathatxdjowa sato Fulni-ô Sato Saathatise, ya neka ekhdete eetekaman neka khetneka, ya tshastonse se olkya dose. Newde ekhla wati etstakate saathatxdjowa sato ooke khnedwa tha kfalsede, owa ethatxi ya takka ankya tshasto fathowa naneka newde sekeynise etxdjowa sato owa efehla sato de. Ethat'ho Fulni-ô nede Fulniô dodwa efnika yonkyaha saathatxdjowa fathowa tetxtjowa saathatise ke sa nanese klai eethe ke exinedwa, newde kexa ftho nanedwa exinete owa yasa sato de, yafenkhetto sato txmanese ekha wati de nanese.

Owa eethatxi Fulni-ô sato ktowa khofean etxkya yooka nede yastowa de unasawa efliwa ekhdetkaho afiaho sato khofean lahe, nede yatxtxo ya khnese se teay, newde thake etxkya yoowatise owa sektshalenkya ke fathoawnan ekhnedwa thake sandowa owa thotdowa Penambuco teeke. Owa sekhetkya Fulni-ô Sato Saathatise ta etxonkya ya yakhedeetise yake sandowahe owa ethatxise: tonkyate efehla sato kexa hesa naha, neho kexa tha tsthu'ho yakhdeetise ekhnedwate, satkhalaikyäy efewdete eefea, neho ya yakhdese awde elnedwa sake txilu thiineho efenho yasa so yoo dodwa yaksawa ktiti yafentookhettotwa owa yastowa sato de. Neka thatha yeexinekahe owa sekhodjo tatkyä eydowa fathowa exinedwa khia nede ethatxdjowa wati nede naneka ya ethwase fowho nede ethatkyä kexa hesa de ya eekhdese sato etho ke setso Fulni-ô de. Neka txtxo ke txinke ta tetkya yastowa sato khofean lahele. Thake atxha eksaati sato edwalha khankya ekhnedwa, nema tha sa khnekase kheksa yakhdeetiho sa thake elkase elay tha feetonkya khlakase nema tha yakhdese newde thaktshale sato lwa efehla lwa.

Ya fiatkaka efewde ke yakhdese fathowa saykhleka satekha ktowa te senenkya awde ethay nolneho exinedwa yake ekhdeholha sato, Fulni-ô de tatxmaneho yake eddoase ya ekhdesete.

Apresentação

O livro *A Fala dos Fulni-ô*, obra organizada em uma edição trilingue – Yaathe, Português e Inglês – reúne narrativas de anciões e nos convida a uma viagem de volta às histórias vivenciadas por membros dessa comunidade. Resultado de uma obra de um jovem índio Fulni-ô, Elvis Ferreira, que vem trabalhando na perspectiva de documentar histórias contadas pelos anciões em sua língua nativa, o Yaathe, herdada dos seus ancestrais, este livro se constrói a partir de cada acontecimento narrado, como sendo um importante registro da história e memória do povo Fulni-ô. Fulni-ô é o nome de um grupo indígena brasileiro que habita a região limítrofe entre o agreste e o sertão de Pernambuco, localizada no município de Águas Belas. Esse povo mantém sua cultura e sua língua originária, o Yaathe. Ações como esta, direcionadas à documentação de eventos nas línguas nativas dos povos originários do Brasil, caracterizam-se como importantes fontes de preservação e manutenção desses idiomas e das culturas desses povos que, na maioria das comunidades, estão sendo deixadas de lado pelos jovens ou tendo, pelo menos, menor importância diante da cultura do não indígena.

Dez anciões Fulni-ô, sete homens e três mulheres, são guias de dez narrativas que tratam de acontecimentos da comunidade e histórias pessoais. São elas: *I Holha Khiaka I Txfonte Imtiwa Tole* (Eu Andava Caçando com Meu Amigo), de Eloi Lúcio; *Thnia Taili* (A Estrela Taili), de Taity Correia; *I khletxhaka txtxo de i ekhde* (Eu sei Cantar Todos os Cantos), de Aristide Leite; *Settxtxo Duti Khia* (Era uma Vida de Pobreza), de Rita de Matos; *Oya Ttxtoso* (A Mãe D'água), de Abdon dos Santos; *Toonawde Ya Sentxhkya Khia* (De Tudo Nós Repartiamos uns com os Outros), de Romildo Barbosa; *Yooxto Toonãwã Sayonte* (Vamos Trocar Alguma Coisa), de Romildo Barboza; *Ifenkhetotwa Sato Dotka ke I Sawlinsese* (Eu Me Criei no Meio dos Meus Troncos), de Brasilina Correia de Amorim; *Setxfonse* (A Caça), de João Lúcio; e *Ya Ttxto Khiahe* (Nossa Vida Era Assim), de Teresa Maria do Espírito Santo. As belas e significativas ilustrações são de Divanice dos Santos, índia Fulni-ô. Como um prólogo, anunciam as palavras dos membros mais velhos da comunidade Fulni-ô, revelando-nos uma introdução de cada história narrada.

Com o objetivo de valorizar a tradição oral dos índios Fulni-ô e demonstrar reconhecimento da singularidade e afirmação étnica desse grupo, esta coletânea nos apresenta a memória dessas pessoas, revelando-nos muitos aspectos culturais que agora poderão ser recontados e lembrados.

Se lançarmos um olhar aprofundado sobre essas narrativas, *A Fala dos Fulni-ô* promove a possibilidade de compreender diferenças sem preconceitos. E muito mais que acompanhar registros da memória dos narradores, esta leitura nos leva a uma representação cosmológica e a ensinamentos advindos desses anciões. O leitor tanto Fulni-ô como não Fulni-ô pode observar, na composição das narrativas, uma poética que traduz uma expressão de identidade e que revela a visão de mundo dessas pessoas, sinalizando a origem da nossa tradição ancestral.

O livro é imperdível para todos os Fulni-ô e também para todos os que desejam conhecer um pouco mais desse povo, de suas relações com a natureza, dos seus costumes e, sobretudo, é fundamental por ser um registro significativo da única língua nativa do sertão Pernambucano. O título *A fala dos Fulni-ô* traz a experiência que teremos com o livro: acompanhar de que forma os mais velhos veem o mundo que os rodeia, através de experiências vividas, refletindo sobre vários aspectos importantes, tais como destruição de valores socioculturais e étnicos que envolvem as relações humanas, a identidade e a ancestralidade desse povo. Por essa razão, podemos dizer que a obra preenche uma lacuna histórica e literária e apresenta costumes, crenças e leituras do mundo pela visão cultural indígena Fulni-ô. Assim, também, constrói vozes para povos que ainda não tiveram sua palavra registrada e enfrentaram a crueldade da colonização europeia, da escravidão e da destruição de suas culturas e línguas.

Desejamos que todos(as) tenham uma experiência prazerosa ao percorrer cada história contada por célebres guardiões da herança cultural Fulni-ô .

Presentation

The present book, Fulni-ô's Speech, organized in a trilingual edition – Yaathe, Portuguese and English –, brings together narratives told by elders of the Fulni-ô community and invites us to a trip back to the past, through events that were experienced by members of this community. This collection is the result of a language documentation project conducted by a young Fulni-ô indian, Elvis Ferreira de Sá, who has been interested in documenting and analysing narratives told by the elders in his native language, Yaathe. It is built from each event that it depicts and constitute as an important record of the history and the memory of the Fulni-ô people. Fulni-ô is the name of a Brazilian indigenous group that lives in a semi-arid region in the State of Pernambuco, Águas Belas. These people maintain their cultural traditions and their native language, Yaathe. Actions like this - aimed at documenting narratives in a native language of Brazilian indigenous people - are very important for the preservation and the maintenance of languages and cultures that are left aside by young people, because of the pressure of other (non-indigenous) dominant language and culture.

Ten Fulni-ô elders, seven men and three women, are the tellers of the ten narratives that deal with community events and personal stories. The narratives are: I holha khiaka i txfonte imtiwa tole (I walked around to hunt with my friend), by Eloi Lúcio Cajueiro de Amorim; ThniaTaili (Taili Star), by Tayti Correia de Amorim; I khletxhaka txtxo de i ekhde (I can sing all the songs), by Aristide Leite; Settxto Duti Khia (It was a life of poverty), by Rita de Matos; Oya Ttxtoso (Mother Water), by Abdon dos Santos; Toonawde Ya Sentxhkya Khia (We Used to Share Everything With Each Other), by Romildo Barbosa; Yooxto Toonãwã Sayonte (Let's Exchange Something), by Romildo Barbosa; Ifenkhetotwa Sato Dotka ke I Sawlinsese (I grew up in the middle of my trunks), by Brasilina Correia de Amorim; Setxfonse (The Hunt), by João Lúcio and Ya Ttxto Khiahe (That was our life), by Teresa. The beautiful and meaningful illustrations were made by Divanice dos Santos, a Fulni-ô indian. As prologues, they give an idea of the narratives that follow, all told by the elders in Fulni-ô community.

With the main purpose of treasuring the oral tradition of the Fulni-ô indians recognizing the uniqueness and ethnic affirmation of this group, this book registers the memory of this community and reveals many cultural aspects that now can be retold and remembered.

An in-depth look at these narratives will reveal that they give us the opportunity to understand cultural differences, without calling for prejudice. Besides, instead of simply recording the personal memories of each individual teller, the narratives constitute a cosmological representation of a (still) poorly studied community. Any reader, from any cultural background, will easily identify in the composition of narrative a poetry that reflects an expression of identity and reveals the worldview of these people, what would give us a glimpse of the origin of our ancestral tradition.

The collection is a must for all members of the Fulni-ô community and for all the people who wish to learn more about these people, their relationship with nature, their customs. Above all, this book is invaluable because it is a significant record of the only surviving native language in Pernambucano, Brazil. The title Fulni-ô's Speech gives an idea of the experience that the reader will have with the book: an incremental understanding of the way the elder members of the community see the world around them through experiences and of several other important aspects, such as the annihilation of ethnic and socio-cultural values that involves the relationships, identity and ancestry of this people. For that reason, we can undoubtedly say that the present work fills a historical and literary gap, by presenting customs, beliefs and interpretations of the world through the eyes of the Fulni-ô people. Last but not least, it also gives voice for a community that had to face the cruelty of European colonization, which resulted in slavery and the destruction of their culture and language, and that never had their say registered so far and made available for a larger audience.

We hope that the readers have a pleasurable experience with the experience of reading these narratives, told by famous guardians of the Fulni-ô cultural heritage.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

I Holha Khiaka I Txfonte Imtiwa Tole | Eu Andava Caçando Com Meu Amiguinho | I walked around to hunt with my friend **15**

CAPÍTULO 2

Thnia Tayli | A Estrela Taili | Tayli Star **19**

CAPÍTULO 3

I Khletxhaka Ttxtode I Ekhde | Eu Sei Cantar Todos os Cantos | I can sing all the songs **28**

CAPÍTULO 4

Settxto Duti Khia | Era uma Vida de Pobreza | It was a life of poverty **32**

CAPÍTULO 5

Ooya Ttxtoso | A Mãe D'água | Mother Water **39**

CAPÍTULO 6

Yooxto Toonawa Sayonte | Vamos Trocar Alguma Coisa | Let's Exchange Something **50**

CAPÍTULO 7

Yatkha Thoxankya Hle de Se Teeke | A Coisa que Já Atordoava a Gente Dentro do Mato | The thing that stunned us in the bush **57**

CAPÍTULO 8

Ifenkhetotwa Sato Dotka ke I Sawlinsese | Eu Me Criei no Meio dos Meus Troncos | I grew up in the middle of my trunks **61**

CAPÍTULO 9

Setxfonse | A Caça | The Hunt **68**

CAPÍTULO 10

Yatxto Khiahe | Nossa Vida Era Assim | That was our life **87**

Arquivo com fotos e descrição dos informantes 97



I Holha Khiaka I Txfonte Imtiwa Tole

Eloi Lúcio Cajueiro de Amorim

Imtiwa khiache Estenderlau ya tsfonte ya holha khiaka. Ewlisiandowa, wey. Nema ya fekyawa txhaxte hle, fekhiawa yeetixte, tafiawa, thiayalha sato. Nema sotxa ke ya txman:

– Feetonexto! Xoawa setxhi yeekilha khiaka ya txhufnite eyawa ke. May ya vivenelha khiaka neka txtxo. Yake khlatawa sato pulinelha khia. Nema sa txidodwalha khia hle. Uunima, não. Ya satxika hle toonawa ya saykhleman. Neka tempo ke, ya sakhexi khiakke toonawa. Flidjwa khiwa, xoawa, tafiawa, kheytxilha khiaka. Ya sa khoflewalha khia. Efewde txtxaya dey, anhan, txtxaya fthoana dodwa khia. Txtxaya dey yoolha khiaka ya txfonete toonawa keeka wate. Nema hle fela txtxaya ke: – Yooxte hle txhua xoawa setxhi te txhufnite toonawa kitxhia eynite. Sesdey ya fetshanexite hle. Semana sone ke, kaske yooka hle de ya tsfonewte. Newde ya sa kefe teti hle. Etxhalhama maltxilha ya tekhane, natsaka ya tekhane, dotsaka ya tekhane. Ya setsondowa khia yankyake, esdeytowa khia. Ya fenkhettotwa sey natona txite. Ya holha khia sey nato txite. Toona xiwa ya khetman, ya yonkya hle. Newdehle i txhaknexama hle, i satxidjone skalhaka hle, i samakhe hle, i sa kefene hle. Uunima i efekhlane lhawa hle. I khaxi lwa kodeka lwa i hote. I thosoa tiwalha kesey, i thosoa. Nemahlede, uunima hle de thitisewde yaadedwa kesey. Ya sa fekhlama khiake eyini yaadedwa, wey. Thiti ewka teka. I latxone nankya. May ekhe kodekahe. Yasa lhawa feytontakka. Khonefāw ekhaxi koode, khotxa koode. Oslawa efenkya tetdjonkya. Se osla até sethkwama. Yasa osla tetxdjowa. Newdehle natsakawa ya koman, yasa txhufnite otxhaytowa ke owa lugarlhama ya txman. Yasa takehewa eynite, ya txkenewa khia, ya fehextike, fexoawa. Ya holha khiaka fexoa pedasowa sa txkete.

Eu Andava Caçando Com Meu Amiguinho

Eloi Lúcio Cajueiro de Amorim

Quando nós andávamos caçando, meu amigo era Estenderlau. Eu era frangote. Aí nós matávamos gambá, pegávamos camaleão, preá, saguis. Quando nós chegávamos de tarde: – Feetonexto! Nós tirávamos o couro de um teiú pra gente vender barato. Mas nós vivíamos desse jeito. Os nossos velhos eram pobres. Ninguém se ajudava (acudia) naquele tempo. Hoje, não. Nós já ajudamos, às vezes quando a gente arruma alguma coisa. Porque naquele tempo nós compartilhávamos as coisas. Até piaba, teiú, preá, a gente dividia. A gente se alimentava um pouco. Era todo dia, sim, não era só um dia não. Todo dia nós andávamos caçando coisinhas para poder comer. Aí no dia da feira nós já íamos com aquele couro de teiuzinho vender pra comprar farinha. Depois nós começávamos na outra semana. Nós íamos caçar de novo. Depois nós fazíamos nossas roças. Quando chovia, nós plantávamos milho, feijão, batata. Nisso nós íamos trabalhando. Os nossos antepassados não tinham tanto interesse em fazer roça, eram preguiçosos. É que quando tinha só mel, nós andávamos pelo mato tirando mel. Quando nós adquiríamos uma coisinha, nós ficávamos alegres. Depois, quando eu fiquei rapaz, que comecei a namorar e viver, eu casei, cuidei da nossa roça. Hoje eu já estou velho. Minha perna dói para eu andar. Minha vista está ficando curta como a de uma jiboia. Hoje eu ando todo à toa como um menino. Porque quando nós ficamos velhos, ficamos igual a um menino, rapaz. Fica andando à toa. O meu coração vê. Mas o corpo não dá mais. Nós queremos trabalhar. Porém a perna não dá, o braço não dá. Só meu coração está vivo. Até quando eu morrer. O coração da gente faz isso. Depois nós íamos vender feijão para os brancos para quando nós íamos para o Ouricuri. Nós íamos comprar roupa, nós comprávamos comida, sandálias, rede. Nós andávamos nos vestindo com um pedacinho de rede.

I walked around to hunt with my friend

Eloi Lúcio Cajueiro de Amorim

When we walked around to hunt, my best friend was Estenderlau. I was just a kid. We hunted for chameleons; we caught chameleons, cavy, marmosets. When we came back home late: – Let's go! We took the skin out of a tupinambis for us to sell cheap. We used to live that way. Our elders were very poor. No one supported them at that time. Today is different. We help them out sometimes now, when someone gets something. At that time, we used to share things. We shared everything: peeped, tubinambis, cavy. We ate a little. It was every day, yes; it was not just a day out. Every day we walked around to hunt little things to eat. Then, on the day of the fair, we brought that tubinambis' leather to sell, so we could buy some manioc flour. Then we would start it all over again the next week. We went back to hunt. We also worked in our crops. When it rained, we planted corn, beans, potatoes. So we all worked together. Our ancestors did not have much interest in planting, eles eram preguiçosos. When the only thing that we had was honey, we would walk through the woods collecting honey. When we had even a little thing, we were very happy. Then when I grew up, when I started to date and to live, I got married. I started to take care of our own crop. Now I'm already old. My leg hurts too much; I can't walk. My sight is getting short like the sight of a boa constrictor. Today I walk around aimlessly like a boy. Because when we get old, we look like a child, boy. We walk aimlessly. My heart sees, but my body can't take it any longer. We want to work. But our legs do not, our arms do not. Only my heart is alive. Even when I die... We – poor things – we are young. Then we used to sell beans to the white men, for when we were going to the Ouricuri. We bought clothes, we bought food, sandals, nets. We walked around wearing pieces of net as sandals.



Thnia Tayli

Taity Correia de Amorim

I exinekahe senenkya nandudya Fola eetxhi sato de. Tha fentookhettotwa satosey, tha exineka txkyāy saayo sato ke. Nema txo Koheya eka tkanonkyase. Nema tha tkano samakman, tha hiamana sato, txo Koheya exinekase owa senenkya tha tkano ke. Nede txo Koheya de ufnana i exinekahe ta exineka txtxose saayo sato ke.

Txo Koheya exinekase tha tkano owa txtxo ke:

– I wa tetfenkyase ooke i wake exinete senenkya fthowa itfe exinedwase ike. Nema ta ike deminkyase i exinekama wake wa hiamana sato nede tha ike i exinedete.

Newde tha tkano sato wati sake tetfeka hle owa txtxo ke:

– Tohe ta exinedwahe? I naha watitkaka.

Nema txo Koheya exinekase owa txtxo ke:

– Itfe i exinekase ike esone fthoankyase ekhetkyasehe Taili. Nema ta txhakhnexama khia, ftheya dey Taili noka khia se teeke tuy fowa fthone ethake sa kinte txha te sake fnite. Newde ftheya fthowa ke Taili ethake ya txaman hle, isi tetfekase owa txtxo take:

– Taili, toktehe a tetdjowa ftheya dey ooke?

Nema Taili isi etheinkyase:

– Wama we fnika yonese hlema txhana thnia klusa?

Nema iitho, isi, itfe, theefnika hle.

Nema Taili neka kaske:

– Efnika yonexto thnia klusa. Eetxhili ke thnia fthone edooka.

Nema iitho neka:

– Neka tatha samahe atxkya ufnana ftheya dey? A sa etkhalkakahe a tatha. Yooxi yati tuy.

Nema thooka hle thati tuy. Nema ftheya fthowa ke tha kafdowa tadwa Taili noka itfe exinete. Newde ta nekase itfe ke:

– A txaxi ya saasewlite khana.

Nema itfe phooneka nede Taili neka take:

– Exinekdaxi i exinedwahe ake. I kfotskya takase, txay fhone etxkyase ike nete owa txtxo ke:

– I txkya teka ake nete i aysekase a txhana thnia klusa eetxhili ke thnia edwaso ekehe ke i akhankyama.

Nema i keftakka anedwa nekaska de.

Newde i etheinkyase owa txtxo ke:

– Ima ekhde? Naati ke itfe, isya? I tha tkahe, mahe?

Newde txhanunntsa txay neka kaske:

– I ake kokahe txtxaya lixino a satkhalaykyama. Nesesde i txine do ekhdete atekha. Nekase owa. Tohe a nedwa?

Nema itfe tshastonkyase. Ta nehankyase take:

– Awxi a kfafte! Nekaskahe atkha de.

Nema Taili lewneka ta naamase itfe ekfotsese ewalondotkya. Nedjoke ta kfafka hle. Nema txtxaya lixino teeke, itfe exinedekase etfe ke. Nede txtxaya lixino doosesde fthea txman thooka hle sa kfafte. Nema txhithia itfe futxkyase. Sonkya wenema hle itfe efniman Taili efa ke khadekase. Nema ta phooneka saktxhatxhadwa, nokase etfe etxnete. Newde tha Taili fdaka watikase txhana txtxaya ke, nede txtxaya dey ta Taili fdakase. Nema fthea fthowa ke itfe sa kfalse sa txtxa ke tamase ta exinedwase ekfotsese take. Nema nokase etfe sato ke exinete. Ta exinesesde isi nekase:

– Yooxto thnia klusa efnite txhana fowa thade.

Nema iitho neka:

– Yooxto.

Tha txman hle txhana fowa ke, tha efniman hle thnia klusa eetxhili ke thnia edwasose ekehe ke thnia fthoankya hle. Nema tha sa txsonkyase, nema isi khokkyase. Nesesde thookase thati tuy. Txtxaya so ke iitho exinekase isiwna ke ekfotsese. Ta exinetkadekase itfe txhana txtxaya ke. Ta exinekase take ehiamanasese de, owa txtxo ke:

– Ama sa kfalse txleman txhana txtxaya ke i eddodmase a kfalte i exinedwase asya ke?

Nema itfe neka:

– I ne.

Newde ta neka kaske:

– I kfotxkyase txhana ftheasa ke yaadedwa fthowa txkyase ike nete owa txtxo ke:

– I txkya teka a ke tefete: ama ekhde txhanunsa thnia khetkya? Txhanunsa thnia klusa eetxhili ke?

Nema i eetheinkya:

– I ekhdededo.

Nema ta neka kaske:

– Ekhetkyahe thnia Taili. Nema sa nolankya daxto. Taili taka kehe kaka fthowa ke. Nema oode nunfa Fola eetxhi nose tayke txha de ta watxtxa edjnekahe. Newde exinekdaxi aayo ke tha ehianmanasesede exinekahe.

Newde i tetfekase:

– Toke hle?

Nema ta neka:

– A atxhi te fathowa khankyama ekhetkya, satkha ke titi. Nemade thnia Taili ethdotkyahe. Tha tate titxdjonkyaheke. Newde exineka notsahe aatxhiwna sato ke.

A Estrela Taili

Taity Correia de Amorim

Eu vou contar a história que vocês nunca ouviram da família dos Fola. Desde seus antepassados, eles vêm contando aos filhos deles.

O velho Koheya teve dois filhos. Quando os dois filhos dele se casaram, só quando eles tiveram filhos, o velho Koheya contou essa história para os dois. A partir do velho Koheya, eu vou contar do jeito que ele contou aos filhos dele.

O velho Koheya contou a eles dois desse jeito:

– Eu mandei chamar vocês aqui para eu contar a vocês uma história que meu pai me contou. Ele me pediu para eu contar a vocês só quando vocês tivessem filhos e para eu não contar a eles.

Daí eles dois mesmos já se perguntaram desse jeito:

– O que é que ele vai contar? Eu quero ver mesmo.

O velho Koheya contou desse jeito:

– Meu pai me contou que tinha uma irmã que se chamava Taili. Quando eles eram jovens, toda noite Taili ia para dentro do mato sentar em cima de uma pedra, olhando para o céu. Daí uma noite, quando a gente encontrou Taili, minha mãe perguntou a ela desse jeito:

– Taili, o que é que você vem fazer aqui toda noite?

Aí Taili respondeu à minha mãe:

– Vocês já olharam bem aquele cruzeiro de estrelas?

Então, meu avô, minha mãe, meu pai, eles olharam.

Então Taili disse de novo:

– Olhem bem o cruzeiro de estrela. Em cima dele não tem uma estrela.

Então meu pai disse:

– É por isso que você vem para cá toda noite? Sua mãe vai enlouquecer por sua causa. Vamos para casa!

Então eles foram para a casa deles. Então, uma noite nós estávamos dormindo, Taili foi falar com meu pai. Aí ela disse a meu pai:

– Encoste aqui para nós falarmos em segredo.

Então meu pai levantou e Taili disse a ele:

– Não conte o que eu vou contar a você. Eu estava sonhando que uma mulher vinha a mim e me falava desse jeito: “Eu vim dizer a você que eu escolhi você para ficar no lugar daquela estrela que falta em cima do cruzeiro de estrelas. E eu quero ouvir o que você diz sobre isso”. Aí, eu respondi desse jeito: “Eu sei? E meu pai, minha mãe? Eu vou deixa-los, é?” Então aquela mulher disse de novo: “Eu vou lhe dar três dias para você pensar. Depois eu virei saber o que você pensou”. Foi isso. O que você diz?

Aí meu pai se contrariou. Ele disse logo a ela:

– Vá dormir! Isso é da sua cabeça.

Aí Taili se calou quando ela viu que meu pai não deu valor ao que ela sonhou. Depois ela já dormiu. Então, durante três dias meu pai não contou ao pai dele. E depois dos três dias, quando anoiteceu, eles foram dormir. Meu pai pegou no sono. Quando amanheceu, meu pai olhou para a cama de Taili, ela não estava deitada. Aí ele se levantou agoniado, foi acordar o pai dele. Aí eles procuraram muito por Taili naquele dia e todos os dias procuraram Taili. Aí uma noite meu pai se lembrou que quando ela era viva ela tinha contado o sonho que ela teve a ele. Aí ele levantou e foi contar aos pais dele. Depois que ele contou, minha avó disse:

– Vamos olhar aquele cruzeiro de estrela de cima daquela pedra.

Aí meu avô disse:

– Vamos.

Quando eles chegaram naquela pedra, quando eles olharam para cima do cruzeiro de estrela, viram que no lugar da estrela que estava faltando, já tinha uma estrela. Aí eles ficaram admirados e minha avó chorou. Depois eles foram para suas casas. No outro dia, meu avô contou só à minha avó o sonho dele. Ele não quis contar a meu pai naquele dia. Ele contou a ele só depois que ele teve filho, desse jeito:

– Você está lembrado daquele dia em que eu não deixei você escutar o que eu contei à sua avó?

Então meu pai disse:

– Lembro!

Aí meu avô falou novamente:

– Eu sonhei naquela noite que um menino chegou e me falou desse jeito: “Eu vim lhe perguntar: você sabe o nome daquela estrela? Aquela em cima do cruzeiro de estrela?” Aí eu respondi: “Eu não sei”. Então ele falou novamente: “O nome dela é estrela Taili. E não se preocupem. Taili está em um bom lugar. E daqui em diante onde o sangue dos Fola for, ela vai iluminar a vida de vocês. E não conte a

seu filho enquanto ele não tiver filhos”. Aí eu perguntei: “Por quê?” Aí o menino disse: “Um dia nós vamos colocar outra da sua família no lugar de Taili. Depois disso a estrela Taili nunca vai morrer. Porque eles vão sempre renová-la. E isso você só pode contar para a sua família”.

Tayli Star

Taity Correia de Amorim

I'll tell the story about the Fola Family that you've never heard before. They tell this story to their children for a long time now, back from their their ancestors.

Old Koheya had two children. When his two sons got married and had children, Old Koheya told them this story. I'm going to tell you the story the same way Old Koheya told it to his children.

This is how Old Koheya told the story to both of them:

– I sent for you here so I can tell you a story that my father told me. He asked me to tell you only when you have children and not to tell them.

So they both wondered:

– What is he going to tell? I really want to know.

Old Koheya continued:

– My father told me he had a sister whose name was Taili. When they were young, Taili went every night into the bush to sit on a rock, to look at the sky. Then one night, when we bumped into Taili, my mother asked:

– Taili, why do you come here every night?

Taili answered to my mother:

– Have you ever looked carefully to that constellation?

So my grandfather, my mother and my father looked up to where she was pointing to.

Taili then said:

– Look very carefully to that constellation. There is no star above it.

Then my father said:

– That's why you come here every night? Your mother will go crazy. Let's get back home!

So they went back home. Then, one night, while we were sleeping, Taili talked to my father. That's what she said to him:

– Come over here, so we can talk privately.

Then my father got up and Taili said to him:

– Do not tell anyone what I'm going to tell you. I dreamt that a woman came to me and spoke to me this way: "I came to tell you that I have chosen you to stay in place of that missing star on the constellation. I want to know what you say about it." Then I answered her: "Alright. What about my father and my mother?"

Am I going to leave them behind?”. Then the woman said: “I’ll give you three days to think about this. Then I will come to know what you thought.” That was my dream. What do you reckon?

Then my father countered. He then said to her:

– Go to sleep! That’s your imagination.

Taili stopped when she saw that my father did not appreciate what she told him. Then she went back to bed. So for three days my father did not tell anything to his father. After that, they all went to bed. My father went to sleep. In the morning came, my father looked at Taili’s bed and noticed that she was not there. Then he got really worried and waked his father up. They searched for Taili everywhere that day and every day thereafter. Then one night my father remembered when she told him the dream she had. So he got up and went to tell his parents. Then my grandmother said:

– Let’s look at that constellation on that stone.

Then my grandfather said:

– Let’s go.

When they arrived at the stone, they looked up the constellation and noticed that there was a star on the top of it. Then they were all astonished and my grandmother cried. Then they went back home. The next day, my grandfather decided to tell his dream to my grandmother. He didn’t want to tell it to my father then. He told him that story only when he had children:

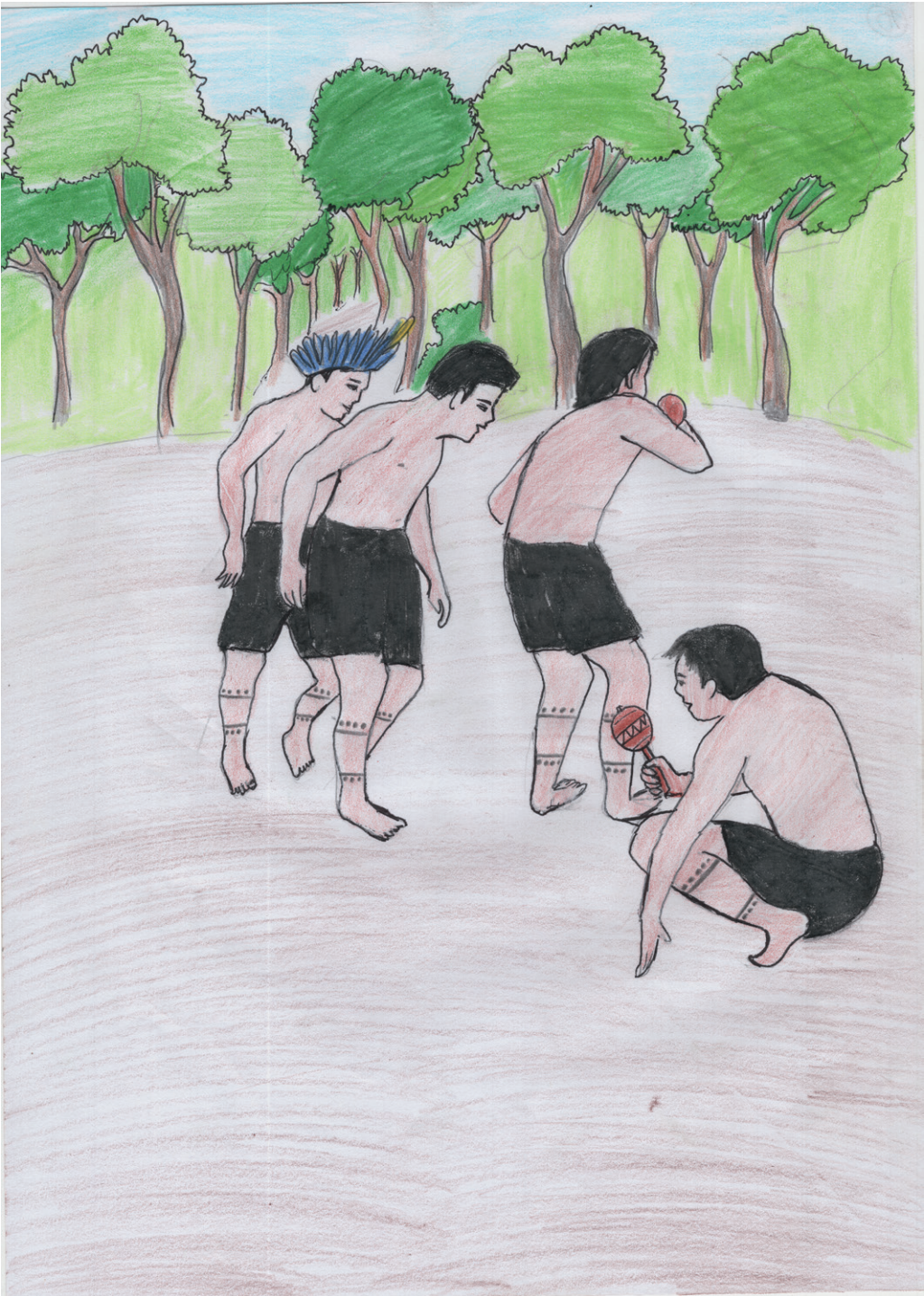
– Do you remember that day when I didn’t let you hear what I told your grandmother?

Then my father said:

– Yes, I do!

Then my grandfather continued:

– I dreamed that night that a boy came to me and said: “I came to ask you: do you know the name of that star? That one on the top of the constellation?” Then I answered: “I don’t know.” Then he said: “Its name is Taili star. And do not worry. Taili is in a good place. And from now on where the blood of Fola is, it will brighten your lives. And do not tell this to any of your child while they have no children themselves.” Then I asked, “Why?” Then the boy replied, “One day we’ll put someone from your family in the place of Taili. After that, Taili star will never die. Because it will be always replaced by someone else. You can only tell this to your family.”



I Khletxhaka Txtxode I Ekhde

Aristide Leite Machado

Khonefāw tha i txinekteka ooke i txite saathekhyante, kasne. Nema fetala khla sdey tha i txinekteka de fetala i lete. Nema i kkawkasey i kfelnete waka dehe yaadetwa tole. Nema i wake nete: ike txhinke i khletxase neske khiwa efewde ke i khletxhakahe i satwinikakke. Nema i ekhde, i khletxaka txtxowde i eekhdeka. Otxhaytowalha i txine thwakahe i tle i khletxhate. Tha ike txhinke kfale ekhdekke ike txhinke kakka. Nema yaadetwa ooke i txine thwaka dehe djote feetonte. Nema i feetonse sesa ya khletxhaka hle de, yooka hle ya khletxhate, feetonte ya holha khiaka dehe. Khdonefāw unikalhase i exineka teka de wake, wa dotka ke: i txtxa laalisey, Ta netnelhakke. Imtitwa sato etxhakha sato edooka nokke hle. Nema tha txhakha lafwa watika de, imtitwa sato. Ya holha khiaka ooke. Nema imtitwa sato lafwa watika de. Nema i didiaka de, Ta netnelhakke, i khaxi tholnese nekahe, ama ekhde? Nekawna i ekhdedwa, ako neka? Nema ama netka khana toonawa? Tonkya? Naxi yamtitwa sato? Ya khletxhaske, naxihe? Yaadetwa, yaadetwa. Ah! I tookhetha ethni holha khiaka foay, feetonte, khoxkya txti, txhia kite. Ya holha khiakahe, ama ekhde? owe, efekhla. Oode ya txhadyalha khiaka de ya fehey txhana mundo, mahe? Nema ya dinunde ya txman, ya idyalha khia de ufa lefea. Lefea natsaka txhia tsa tle, lefea lexkya tle. Yeei khiaka de lefea, xtey! Wa neka khdedeka de. Nema djakteka de ooke, wa dotkalha ke, Ta netnelhake.

Eu Sei Cantar Todos os Cantos

Aristide Leite Machado

Mas eles me chamaram aqui para eu falar, disseram. Aí eles me chamaram aqui para um monte de formigas, para a formiga me morder. Quando eu era pequeno eu brincava na lagoa com os meninos. Então eu digo a vocês que eu cantava, que eu digo que talvez eu cante tudo porque eu sou atrevido. Então eu sei, eu canto, eu sei todos os cânticos. Os brancos me chamavam para eu cantar porque eles sabiam que minha voz era boa. Aí os meninos aqui me chamavam para ir trabalhar. Então, depois que eu trabalhava, nós já cantávamos, nós andávamos cantando, eu andava trabalhando. Mas uma coisa eu estou dizendo a vocês, no meio de vocês: minha vida está longa, graças a Deus. Estou aqui, aqui no meio deles, os meninos aqui, mas meus amigos, metade deles se separaram. Eles eram muito fracos, meus amigos. Nós andávamos aqui. Então meus amigos eram muito fracos. Aí eu era forte, graças a Deus, minhas pernas batem firmes, entende? Só isso que eu sei, certo? Você ainda quer que eu fale uma coisinha? O quê? Quem são nossos amigos? Se vamos cantar, quem são? Os meninos, os meninos. Ah! Meu pai, ele andava morando pela serra, trabalhando, tirando palha, tirando caroá. Nós andávamos, sabe? Eu e o velho, quando nós saíamos daqui, a pé, por esse mundo, sabe? Aí quando nós chegávamos de lá, nós comíamos lá veado. Com feijão de corda; veado com abóbora; nós comíamos veado, gente. Vocês não sabem disso. Então estou aqui no meio de vocês, graças a Deus.

I can sing all the songs

Aristide Leite Machado

But they asked me to speak, that's what they said. Then they asked me to come to this place full of ants; those ants are going to bite me. When I was little boy, I played in the pond with the other boys. So I say to you that I sang, I say that maybe I sing everything because I'm bold. So I know, I sing, I can sing all the songs. White people asked me to sing because they knew my voice was good. Then the boys asked me to come to work. Then after work, we sang. We sang everywhere. I worked a lot. But there's one thing I must tell you, to all of you: my life is long, thank God. I'm here, among these boys here, but my friends, half of them have already died. They were too weak, my friends. We walked around here. So my friends were too weak. I was strong then, thank God. My legs were strong, you know? That's all I know, right? Do you still want me to speak a little more? What? Who are our friends? If we sing, who are they? Oh, the boys, all the boys. Ah! My father! Well, he walked through the mountains; he lived there, working, collecting straw, collecting caroá. We used to walk a lot. Me and the old man. We did that on foot, walking all over the place, you know? Then, when we'd come around, we'd eat deer with beans, venison with pumpkin; we used to eat deer. You don't know that. So I am here among you all, thank God.



Settxo Duti Khia

Rita Santos de Matos

Ya txtxo khia, settxo duti khia. Dokhe takkase, swaka. I tookhetha holhaka away, sa fehe lay, toona fasate ya toona ka maknite. Settxo duti hesa khia, yoo. Uunima hle de ya neka se xinete yaxkya, Ta netnelhake, may ya satxtxo khia dutiti khia. Seekha nese edwalhaka yati sato ke. Seti ke dutiwa kka khoxkya tsa thasi tole. I thokhethane tetilhaka txhua seti te. Tha sa sato ti tetilhaka txhua setiwa sato te. Nema yatxtxo khia skawa nedelha. Uunima hle skalha nedoho seynite yaxkya hle, Ta netnelhakke. Naati ke efekhla to ekhodjo khia? A kfalse txhana tha sa khodjo nese? Setitxtxose tetkya khoxkyalha te. Neho khia. I tookhethane asea silha. Ta setitxtxosewa te teti lha. Neka khia ta tetdjowa. Agora itookhethane ksa khia, nera, sekehate dodwa, era ketite. Sake yasa sato khofean, ta ketilhaka neskante. Ta seetadwa khla ewlinelha khiaka mas era ketite lahele. Fathowa lha txman: A neholla khofean setadwa fthone futxina teeite sati ke. Neso khia. Não era nada ta txhufnite, era ketihanate khia. Sahle khia settxxose neka. Mukāwa teekhla wati nelhaka setitxtxose. I kfalse txhaka exmane do ithlo wati. Teewkya sesa khnan, nesoga sasey etxkyase saske. Teetkha quase aniwa nikase, poy sasey etkyase saske txtxaya so ke. Tote ithlo ewka hle? To saxidjoa hlehe ewdonkya? Theesniknokase teekte. Poy sasey txtxaya so ke etxkyase. Tha ne khia. Efewde teewlinelhaka. Nema likulilha yeetsaxxilhaka, yooma teekhtowa takalhaka de. Setadwawa thoyawa lwa ta kxanelhaka seyo te! Tha taka xi, may i setadwalha eddodene – ta nelhaka. Nema ta takalhaka de neho wati hle. Nema senenkya thotsease de. Edooka. Edooman kaxão fekhdi khakase, poy kaxão txhosesde. Awtsa gata ya naadotkyase hle. Nokase lahele khia esense. Neho etxdjotkyase hle, edneso. Toonande teewlinelhaka. Nemahlede khoxkya lwa fthoa lwa iti ke doosey, setadwa fthone lwa ike dwa. Nema i netkade hle bicho.

– Naati ke fliwa nede isi, tha samtinelha khiaka! Samtinelhaka, tha sa texonelha txhana!

– Anhan!

– Txhana ixtola, exnete! Txhua!

Tha wenekase. Fathone khayxi khlokkwa kleynima, tha satilhaka. Ou asi ou isa tha fthodeke kelha thoododete sa janela tha sakho. - Dixone, ta saxi hle do i kafe! – sondoma nelhaka. Nexi hle uni vizinho: Que qui há, neho? Edwa hle do.

May txhiwa thwa khia de. Tha weneka hle de thasdey txhua sasa tha ketite tha tkanewa. Nema asi txhua Kudo khia hle de ya vizinhane klehenese. Txa Kudo ni khia de neka lahele. Txhua setxikite nese lwa khana, etxilhaka khante sasawna sake khandodete ta khanete. Ta txhufnilhaka, am lembra? Ekane etsesde fthonewa inaasonkyase José eti ke. Takase ufa. Malia esone takase. Tkano nelhaka, esitwa, tha nese, ako? Unhun. Sitwa. Sitwa tkano, nelhaka.

Era uma Vida de Pobreza

Rita Santos de Matos

Nossa vida era uma vida de pobreza. Eu passava fome e andava nua. Meu pai andava por aí, a pé, caçando coisinha para a gente comer. Era uma vida muito triste a que nós vivíamos. Hoje é que nós estamos vendo uma coisinha boa, graças a Deus. Mas nossa vida era de pobreza. Comida não existia nas nossas casas. Na casa pobrezinha e pequena de palha como as das avós delas. Minhas avós faziam aquelas casas. Elas mesmas faziam aquelas casinhas. Então a nossa vida não era de glória. Hoje fazemos de conta que não passamos por grandes dificuldades. E os velhos, o que era o trabalho deles. Você lembra o que eles faziam. Eles faziam vassoura de palha. Era isso que eles faziam. A mãe fazia esteira. Ela fazia vassoura também. Era isso que elas faziam. Agora, o trabalho de minha mãe era só para comer, mas era para dar as coisas. O que ela tinha ela dava para as pessoas dela. Ela criava muita galinha, mas era para dar. Quando chegava uma pessoa, ela dizia: – Eita! Pegava uma galinha para ela comer na casa dela. Era isso. Não era nada para vender. Já ele, meu pai, fazia vassoura. Em um instante ele fazia vassoura. Que eu ainda me lembro da cachorra que ele tinha. Ele matou a cachorra e depois de morta ela voltou para a casa dele de novo. Ele quase esbagaçou a cabeça dela, pois ela voltou de novo no outro dia. Que cachorra é essa que anda por aí? Eles iam puxando, pois a cachorra depois de morta voltou. Eles faziam isso. De tudo eles criavam. Aí, quando no período do Ouricuri, quando nós íamos, ela levava todos os bichos. Ela gostava tanto dos pintinhos que levava eles no seio. Eles sentem frio, mas as galinhas pequenas eu não deixo – ela dizia. Ela levava mesmo! Então uma coisa estranha aconteceu. Ela morreu. Quando ela morreu, a gata ficou debaixo do caixão depois seguiu o caixão. Essa nós não vimos mais. Ela foi acompanhar o enterro. Ela não voltou mais, disse. De tudo ela criava, hoje eu não tenho palha nem tenho animal. Eu não quero mais animal.

– Como é, a velha e minha mãe, elas eram amigas! Eram amigas e comadres!

– Sim.

– Aquela história, conte! Aquela!

Elas abriram uma janela grande. Quando elas começavam a cozinhar, elas se chamavam, sua avó, minha mãe, porque elas eram solidárias. Pra elas não irem longe, elas abriram uma janela para se verem. “– Comadre, meu café já ferveu!

– elas diziam de manhã.” Diga se tem um vizinho que faça isso hoje. Mas elas faziam. Elas abriram uma janela na parede de suas casas para compartilhar as suas coisas. Sua bisavó, essa Kudo, foi a nossa primeira vizinha. A velha era do mesmo jeito da sua avó. Até o perfume ela compartilhava para uma não colocar sozinha. Ela vendia café, que você lembra, né? (Que eu lembro.). Acho que foi José que trouxe. Para mim mesmo foi ela que levou lá. Maria levou o outro. Eram dois que ela tinha, que elas diziam, certo? Sim. Pilão. Dois pilões, elas diziam.

It was a life of poverty

Rita Santos de Matos

Our life was a life of poverty. I was always hungry and had no clothes to wear. My father walked around, hunting thing for us to eat. It was a very sad life that we lived. Today things are a little bit better. But our life was very very poor. We didn't have any food at home. Our houses were very small and poor; they were made out of straw, like those of their grandmothers. My grandmothers built such houses. They themselves built those houses. So, it was not a glorious life. Today we pretend that we didn't go through such difficult times. What about the old people? What did they do then? Do you remember what they did then? They made straw brooms. That's what they did. My mother made straw mats. She also made brooms. That's what they did. Now, whatever my mother crafted, she just donated to other people. Whatever she had, she gave to other people. She had a lot of chicken, but she gave them all. When someone came to her, she said "Jeez!" Then she'd give that person a chicken to eat it at her house. That was it. She didn't sell anything. My father, however, made brooms. He was very fast. I still remember the dog he had. He killed the dog and after it was dead, it returned to his house again. He almost crushed her head, but she went back home the next day. What dog is that one out there? He was pulling because the dead dog returned home. They did it. They had all kind of animals. Then, during the Ouricuri time, when we were going there, she took all the animals with her. She was so fond of her chicks that she took all of them with her. It's cold for them. I won't let the small chickens at home - she said. She took them! Then, a strange thing happened. She died. When she died, her cat stayed under her coffin, and then it followed the coffin to the cemetery. We never saw that cat again. It followed the funeral and didn't come back. She raised everything. Today I don't have straw or pets. I don't want any pets any more.

– The old lady and my mother were good friends! They were friends and godmothers!

– Yes.

– Tell us that story! That one!

They made a very large window between their houses. When they began to cook, they called each other: your grandmother, my mother, because they were

very good friends. They opened a window to see see each other. “Godmother, my coffee’s already brewed!”, they used to say in the morning. Tell me if there are neighbors like that nowadays. But they did thar. They opened a window on their home’s wall to share their things. His great-grandmother Kudo was our first neighbor. The old lady was exactly like your grandmother. Even her perfume she shared with her friend. She used to sell coffee, you remember, right? (As far as I can remember.) I think it was Joseph who brought it. I think she was the one who took it there. Maria took the other one. They have two of them, that’s what they said, right! Yes. Pestle. Two pestles, according to them.



Ooya Ttxoso

Abdon dos Santos

I kone thliman khia, i ho khiakahe yake fekhlaykya sato eethe susoma txfalte. Nema nekawde ke i satkhalaykya nokase de yaathelha ke. Nema i tiaman hle, i ho khiaka i thokhethanelha sato nanisene sato lay, tha tole. Thoosedey, tatxhante, tha lkinte thooman, djo khiaka tha tole. Se takewa tsote thookhiakke. Nekonay hle, fekoman hle, ya nankya owa ooya teeke txay fthone ewlidjonkya taka salkinte. Nema i tookhethane ke i neka hle de. “– I sa, kane, efnixi txay fthone kinse!” Nema hle: “– Unke, yaadedwa? A winkya teka, mahe?” “– I wiidode. Kane! Fnite!” E fniman hle txhutsa txay sate ooya teeke. Ama ekhde? Txhuuuu... Nema hle: “– Senenkya hesa, ka! Awtsa txayhe ooya ttxoso, ooya tookhethane, tha nese. Awtsa, ama kefe?”

Newde hle yooka hle de isa itho tole nede I tookhethane nanisene sato tole lahele fulikha tuy, ama kefe? Nema ufa ya txman ta i tookhethane nanisene ya kuldjohe fdate fulikha ke. Sade. “– Exideytowa tha txinexi sato.”

Nema yooka.

Ixtola senenkya lulnite.

Yooka hle. Ufa ya tximan hle, itsa tkooka hle de fowa dotkane ooya teeke. “– Kanin!”

Teeke totdowa fthowa kexa, ooya teeke. Nema ta sakhoho nolneman hle txay kui ke. Ta futxkya txay fthone ooya teeke. Neho teeke hle txidjo nendowa. Nema ta sa tkhatxi fdaka hle de txhua fowa sato teeke, tkodowa etwa fthowanay teeke tkookake txidjo futxti.

Nema e tkhatxima hle, ta nelha hle de yatookhethane nanisene sato: “– Ta i ufa, ooya teeke. I tkhatxi yeekhdedekase. Nema ufa teeke txay fthone kui ke futxkyase de.”

Nema nekdey itookhethane nanisene sato neka: “– Ooya ttxososehe, kawa, a kui ke futxidonkyase.”

Newdehle ya tkya hle de ya txidjo sato lay.

Ya tximan hle i tookhethane nanisene ekhaykya hle de. Khlokman hle ta ya tosnewka hle de ya khofle sa tole. Sakman lelnete ya xkya hle sa tole, ya keete.

Newde ta sehe sdowa txhone. Etxkya hle de dokexkya fthone ke txhua sehe

sdowa etxhuante. Nekadjoke take sexne khante. Nekadjoke yasdey ta koka hle. “– Wa sa athe xinexitowa!” Ya keesesde, ya txkya hle de sa athe xnete. Nema wake nedwa dehe ooke fulinse de dehe, awtsa txay, awtsa txaine, ya fenkhettotwalha sato exine khiaka.

Fathowa nelha khiaka, setso fathowa sa thwa holhaka neso te, nese thwalha khiakke noman khiaka foente txidjo sato de teetxonelha khiaka de. “– Totte tetdowa khofean? Ama ekhde? Nema eekhde. Txiane.”

Ettxxosolhane, fowa txtxosone, fowa txtxoso, fowa txtxososehe. Setsonkya fthone yeexineka elka otxhaytowa ke, ama kefe? Setsonkya fthone owasehe. Tkanewa, nelha kakahe.

Nema tha de fathone edooka takanema, theehenkya, theehenkya. Theeheman hle thooman efnite, thooya khiaka. Newdehle setso sato noman hle satxfonte tha nankya thooya. Nema thooka hle de setso sato xiti ke neso takahe thooya. “– Yooxi take!”

Thooman fle, theehenkya kaske. Theehema lixino ke hle thooman hle efinite khoxkya txti. Kaske thooya talhaka. Nema thooka hle de exite: “– Yooka hle ehente kaske.”

Thooman, kahne, theehente wintooke thooman hle efnite kaske taka thooya.

Nekke tha sa tosneka hle ifetkwa note ufa, ta te saathekyante, toelha nete, khokhilhate, tha fdalhate. Nema hle: “– Atelha saathekyankya teka awahelha fdalhate!”

Theeheman hle, etkhatxdjotkya hle, que é awa fowa ethayo, tha nese. Ama ekhde? Newke sasalha tatalhaka ufa. Nema etkha taka hle de, mãe Luzia, tha neseke etkha.

Nema neka kte de i nese wake neka senenkyalhahe. Yasa xinedwa dmaneho, ya tokhettotwalha sato exinedwa khia, ama ekhde?

Kaske awtsa exinedwa.

I tookhethane nokahe sehe sdowa fdate.

Nemahle txiane ke txay fthone teka ethe tkhatxi:

“– Aaaaa!”

Nema, teetso!

Nema satkhamatilha ta neka:

“– Ya tixi! Txiane etsatsolha netkadeka. Ama kefe?”

Que é i neskyate: awde hle nekawde ke tha ikeyni.

Nema awatsa ta ewlisiane.

Nemahle ta ewlisianeman khia e ho khiaka sakfalte, ta satheekyante.

Nema ethoke ta khefkya ke eninkya ke awtsa txidjone sewasa ate, teetxhinke kfale nanika. Ta olkyaka hle take esete tolelha ke. Nemay etookhethane nanisenelha ta txineka hle de: “– Ama kefe?”

Nema nekawde etkhatxi, yake ankyalha de theexinedwa khia awtsa txidjone sewasa tha kefe khiaka. Nema nekawdeke sane, sankya de awa ooya teeke txidjo edowa sato de sewasawa. Tha sa teefalha khaka, sewasa. Sankya lahele de fowane fthone sethxinke kfale flidonho. Txfalese de kikaksa. Neho iio, tha nese awa! Tonkyatke khetkya kte eflili ke se kfale ke? Yaathe yeekhdedeka, ikfale de kika, hum! Se kfalese ke se kfafman flilia, tonkya flilia khetkya? Flilia, anhan. Flilia tododonkya efahankya, nema tha txhinke kfale flidone. Fdesea kui tsasa neso lahe yasa eydonkya se txhinke kfale flidone. Awtsa txidjone sewasa etxhinke dmaneka. Nehodenkya tefadonkya, ama kefe?

Nema ooke, ya khletxhakahe de ooke toonawa ya tixte, ama ekhde?

A Mãe D'água

Abdon dos Santos

Quando eu era menino, eu andava com os velhos, escutando as conversas deles. Assim, eu pensava muito na nossa língua. Quando cresci, eu andava com as minhas avós também, com elas. Por onde quer que elas andassem, pegando lenha, quando elas iam tomar banho, eu ia com elas. Porque elas iam lavar roupa. Numa dessas vezes, quando nós demos fé, nós vimos dentro d'água uma mulher de cabelos compridos tomando banho. Aí eu já disse à minha avó: “– Minha mãe, cuidado, olhe uma mulher sentada!” Então: “– Onde, menino? Você está mentindo, não é?” “– Não é mentira. Vá! Olhe!” Quando ela olhou, aquela mulher se jogou dentro d'água. Sabe? Tchuuuuu... Então: “– Que coisa, filho! Essa mulher é a Mãe D'água, Mãe D'água, como dizem. Aquela, está ouvindo?”

Depois nós fomos com meus parentes e com minhas avós também para o rio, está ouvindo? Então quando nós chegamos lá minha mãe fez a gente ir procurar o que comer no rio. É verdade. “– Chame seus irmãos!”

Então nós fomos.

É uma história curta.

Nós fomos. Quando chegamos lá, meu parente entrou no meio da pedra dentro da água. Foi difícil para ele sair. “– Cuidado!”

Dentro estava um pouco seco, dentro da água. Então ele passou a mão no peito de uma mulher. Ele pegou em uma mulher dentro d'água. Ali dentro havia muito peixe. Aí ele saiu procurando aqueles que entram nas pedras, os que entraram na craibeira, para pegar esses peixes. Aí quando ele saiu, ele disse a nossas avós: “– Eu estava lá dentro d'água. Eu não sei como eu saí. Lá dentro eu peguei no peito de uma mulher.”

Aí minha avó disse de novo: “– Foi a Mãe D'água, meu filho, a que você pegou no peito!”

Daí nós voltamos com os nossos peixes.

Quando nós chegamos, minha avó já ia fazer comida. Quando ela cozinhava, ela nos juntava para comer com ela. Quando estávamos juntos nós ficávamos alegres com ela, comendo. Depois ela trazia imbu verde. Ela chegava com aquele imbu verde espremido no prato, depois ela botava açúcar em cima. Depois ela

dava a todos nós. “– Adoçem a boca de vocês!” Depois que nós comíamos, nós ficávamos com a boca adoçada.

Então eu estou contando para vocês aqui a história do rio, dessa mulher, essa mulher, que os nossos antepassados contavam.

Um índio contava, um índio gostava de andar por conta dela, dizia que era porque gostava quando ia pescar e trazia muito peixe. “– O que ele fez para isso? Você sabe?”

Então sabem. Embuzeiro.

Havia uma índia, havia uma índia na serra, a índia da serra, a índia que era da serra. Era uma índia, os brancos desvalorizam nossas histórias, não entendem, está ouvindo? Que essa era uma índia. Duas, melhor dizendo.

Então, quando uma delas morreu, eles a enterraram, eles a enterraram. Quando eles enterraram, foram olhar, estava aberto. Depois disso, os índios foram caçar e eles viram a cova aberta. Aí eles foram com outros índios e a cova estava aberta. “– Vamos até lá!”

Quando foram lá, eles a enterraram de novo. Três dias depois que eles enterraram, quando eles foram tirar palha, eles foram olhar. Estava aberto de novo. Então eles disseram: “– Vamos enterrá-la de novo.”

Quando eles foram, disseram, enterrar, e quando foram olhar de novo a cova estava aberta.

Por isso, eles se juntaram, meus antepassados, para eles irem lá, falar com ela, fazer um toré para agradá-la, para emocioná-la. Disseram: “– Nós viemos falar com você.”

Quando eles a enterraram, ela saiu, que é aquela da serra dos cavalos, que eles disseram. Sabe? Daí o corpo dela está lá. Então a cabeça dela está lá, mãe Luzia, porque que eles dizem, a cabeça dela.

Então é isso que eu estou contando a vocês, são essas histórias. Nós contamos a beleza da história que nossos antepassados contavam, sabe?

De novo, essa não foi contada.

Minha mãe foi procurar quixaba.

Aí do imbuzeiro saiu a voz de uma mulher:

“– Aaaaaa!”

A voz dela saiu.

Aí o camarada dela disse:

“– Vamos voltar! A índia dona das frutas não quer que a gente pegue.”

Que é o que estou dizendo: de tudo eles me ensinaram.

Então esta era moça.

Quando ela ficou moça, ela andava ouvindo e conversando na língua.

Aí ela escutou um cântico parecido com o esse cântico da mulher da água, uma voz parecida. Ela teve vontade de dançar o toré. Nisso, a avó dela já a chamou: “– Está ouvindo?”

É por isso que eu sei de tudo, nossas histórias que eles contavam dessa Mãe D'água que tem uma voz muito bela que eles escutavam. Então, porque tudo isso existe, existe esse lugar dentro d'água que os peixes andaram com seu fôlego. Eles procuram cama para dormir com seu fôlego. Tem também uma voz limpa que escutamos na serra. Saiu do meu sentido. Esse não, que eles dizem isso. E como é que se chama o que ouvimos de noite? Em Yaathe eu não sei dizer, saiu. Aquilo que a gente ouve de noite quando dorme, como é que se chama? Grilo, sim. Quando assamos grilo para comer, aí a voz fica limpa. Peito de sapo também melhora a voz. A voz daquela Mãe D'Água é bela. Ela come de tudo. Está ouvindo?

Agora vamos cantar aqui algo para irmos embora, certo?



Mother Water

Abdon dos Santos

When I was a boy, I walked with the ancestry, listening to their conversations. So, I thought a lot about our language. When I grew up, I started to walk more often with my grandparents. Whatever they were doing - picking up branches, swimming on the lake -, wherever they went, I went with them. They used to bath in the woods. One day, we saw a woman with long hair bathing in the water. Then I said to my grandmother:

- Mom, look at that woman sitting there!
- Where, boy? You are lying!
- It's true! Look! I'm not lying.

When she looked up, the woman threw herself into the water.

- What is that thing, son? This woman is the woman water, "mother water", as they say.

Are you following me? Then we went to the river with my parents and my grandparents. When we got there, my mother asked us to find something to eat on the river. It is true.

- Call your brothers!

So there we went.

It's a short story.

There we went. When we got there, my brother went to a stone that was in the middle of the river. It was very hard for him to get out of there.

- Be careful!

The river was a little bit low. He put his hand on the water and touched something that felt like a woman's breast. He touched a woman inside the water. There was a lot of fish there. He started to look for the ones that went to the rocks; he wanted to catch these fish. When he left, he told our grandmothers:

- I was there in the river. I don't know how I got out of it. While I was in there, I touched something that felt like a woman's breast.

Then my grandmother said again:

- You touched Mother Water's breast; that's what you touched.

Then we all came back with our fish.

When we arrived, my grandmother was about to make food. When she cooked, she gathered everyone together to eat with her. When we were together we were happy with it, eating with her. Then she brought green imbu. She came with that squeezed green imbu on the plate, then she would put some sugar on top. Then she would give us all a little bit of that treat

– Sweeten your mouth!

After we ate that, we all had with sweeten mouth.

So I'm telling you here the story of the river, of this woman, a story that was told by many of our ancestors.

There was an indian who liked to walk around her, because he liked when he went fishing and could bring home a lot of fish.

– How did he do that? Do you know?

So they know. Imbu tree.

There was an indian woman; once there was an indian woman in the mountains, the mountain india, the indian woman who was the mountain. She was an indian. White people devalue our stories; they don't understand them. They don't say it was an indian. Actually, two indians.

When one of them died, they buried her, they buried her. After they buried her, they went there to look at the burial place; it was open. When the indians went hunting, they saw the open grave. Then they came back there with other indians; the pit was open.

– Let's go there!

When they got there, they buried the woman again. Three days after they buried her, after they were collecting straws, they went back to the burial site. It was open again. Then they said:

– Let's bury her again.

Then there they went again to bury the woman, that's what they told us. When they returned to see the burial site, it was again open.

So my ancestors gathered together and went there to talk to her, to make a toré to please her, to thrill her. They said:

– We came here to talk to you.

When they buried her, she came out. I'm talking about that one from Serra dos Cavalos. Her body is there. Her head is there. Mother Luzia. That's what they say. Her head.

So that's that. I'm telling you these stories. We tell you the beautiful stories that our ancestors told us, you know?

Alas, this has not been told so far.

My mother went out to look for quixaba.

She then heard a woman's voice from the imbu tree:

– Aaaaaa!

That's her voice that came out from the tree

Then her partner said:

– Let's go back! The indian who owns the fruits doesn't want us to pick them.

That's what I'm saying: everything I know, they taught me.

So this one was young woman.

When she was young, she listened and talked in the language all the time.

Then she heard a song similar to the song that the mother water sings; a similar voice. She wanted to dance toré. Meanwhile, her grandmother called her:

– Do you hear that?

That's why I know everything, the stories they told about mother water, who has a very beautiful voice, so they said they could hear. So this is why all these things exist. There is this place in the water where the fish can walk with their own breath. They look for a bed, so they can sleep there. There is also this clear voice that we can hear in the mountains. This came out of my senses. And how do you call what we hear at night? I don't know how to say it in Yaathe. That thing we hear in the evening, when we are sleeping; how is it called? Cricket, yes. When we bake cricket to eat, our voice gets cleaner. Frog's chest also improves the voice. That mother water's voice is beautiful. She eats everything.

Now let's sing something so I can leave, ok?



Yooxto Toonawa Sayonte

Romildo Barbosa de Lima

Tha txi khiaka he, tha xi khiaka de towe txke satxhikhe sondoma, nema otxhayatowa lefetia ewlinho txi khiaka de.

– Setsotwa, wootakma etsafane fthone setxhi kite?

Nema ya ke khlatkwa sato ne khiaka:

– Yooxto, yaadetwa, aoke owa se thuline. Nema i tole tkano yaadedwa tkano i takkahe de luxtutwa theetxhitote.

Ufa ya txman lefetia thdonkyake ya txman. Yawka hle de luxtutwa tsa sakanete. Ya txaka hle de luxtutwa sake nete txhutsa ekhdewna sema thlete ya keekawate. Nema neho satoman etxtxo kaka khia, ya txtxo kakkdode khiaka. Nema nekdey tha txhufnide khiaka. Utxi lay tha txma, ta txi khiaka: – Woxtey, neho ke nete ya khdenkya.

Nema tha sakhatxi khiaka de, sasdey esekhawa taka khiaka. Fthea khetke, tha sa sitha kodo nete. Nema uunima neka nedekase hlede. Sane khiaka he utxi thdonkya txufniho khia. Nema ya ke kleytxotwa sato nede khiaka. Tha txidjo khla futxikke, tha ke doose ke tha koka. Tha utxi saykhleske ekhdedwa theeti khia sake. Tha tho hesaka gaka dooka khia. Setho hesaka edoose khia, edoose khia, he, ya khtowa yaadedwana ni khiakke. Yaadedwa, he, sake toona kmaydjo. Nema nekaynide yasa te toona ha khiaka tokeke yasa tole toonawa ha khia sake, tho hesadwa khiakke. Nemahlede, nekawde ke, yake ya dotka ke, eynitwalha sato tutxi fea paaneka sake yaxkya yooman sake toonawa te. Nema yake titxidjotkhwa sato uunima nedeka hle de sakmana, tha netkakteka sandowa de, neka txikdotkya. Nekte yasa kankya kinte ya telhakteka, ya salneka txkya noka.

Nema sandowa hle de fathowa ke toonama ta kotkaka selwate, txhua teekha elka haga noka hle: “– Kokdaxi, wey, awa yali ke. Kokdaxi, wey! Awa jali ke kokdaxi! Newna ke koxi!” Neka dodwa. A ike koske adjo flidwa lay, yake Eedjadwalha nankya adjo flidwa lay a i koka. Nema adjo txitxhi akfalse elka lay a koske enihe a ike toona kodose. Adjo flidwa lay a ike toona kodwa txhuniho, he, nekdey yake Eedjadwalha ethakdi nolnedwa toke adjo flidwa lay a kokke.

Nema neka dooka hle de. Yake ekhlatkhwa sato etxtxonkyake. Sake toonawa koka: “– Wey, awxi, wey, neho ke toonawa! Awxi, wey, neho ke kitxhia fliwama! Awxi, wey, owa txidjo sayonte kitxhiama.”

Nemna nekawdeke ya khexwa khiaka se khdi tha txkya txfondowa sato: fekhyawa, xoa, tafia. Tha txhufnisehe dwa khia. Otxhaxkya dwa khiakke.

Thoo khiaka. “– Awxi, wey, neho ti ke owa xoawa te sayonte kitxhiana ftheasa ya keekama.”

Kaske txidjo lay etxdjoa.

– Wey, wey, owa txidjo takaxi, wey, awxi, wey, neso ti ke kitxhiana sayonte!

Nema neka txtxo ke khiahe yawse.

Nema uunima djaka yookake, toke i sate kheksontakkane, i tutxialhane, i take ne, i fehe txkhe ne, Ta netnelhaka, eelixone fthonewa iksankya doodode. Sandowa de neka i sate otxhaytowa netkadeka. Otxhaytowa isaindotkya, idjo flidooka. Itutxia malidjwa teeke itle toonawa ka tama, theyyonelha sato kaske ike i take seekha khodwa. “– Owena eyonelhaka! Itsa sato ekaka txtxoke.” Neholha i ti ke keeka. Txhunikankyake. A tutxhialha teeke fathowa etxkya hle: “– awxo a keete!” Etsaykyahe note sa keete. Ati ke txman a keekahemante a kinewman a kehate, atkhamatine a ke nekahe: “– Nesity! Awa ke seekha khanexi awtsa dokexkya ke!”

Fathowa eytxineman: “– Awxow a keete! Enhen. A khakase, ama netka? Nedosehe, a khankyaha. Nema a khansesde eytxi. Nema, a tole nokahe de sakeete. “Ama netka?” Ta neske, ta neankyake: “– Iio, wey, i netkade do, he!” “– Sandowa de dokexkya ke a khanseke. Awxow akeete!” “– Iio, i netkade do.” “– I kha nese hle do. Aoxina!” A tkhatxkyahe oode itle a keesesde.

Nekankyake senenkya kaka. Tha txtxolha khankyake. Neka sakmana netkadosey. Nema nekawde dooka noka hle. Owe lhawa lwa, i nankya. Fede nesehe ya fniwalha sato.

Kaka hle do.

Vamos Trocar Alguma Coisa

Romildo Barbosa de Lima

Eles estavam de manhã junto ao fogo, aí os brancos que criavam gado chegaram.

– Índios, vocês querem tirar o couro de uma vaca?

Então, os nosso velhos disseram:

– Vamos, meninos! Cortando pela estrada do mato. Vou levar comigo dois meninos para espantar os urubus.

Quando nós chegamos lá, a vaca estava morta. Nós andávamos junto com os urubus para tomar a carne deles para comer. Então para eles, os urubus, isso era bom, nossa vida não era boa. Eles não vendiam. Quando chegavam com a carne, eles ficavam e diziam:

– Vão dizer aos outros para nos ajudar!

Aí eles compartilhavam, levavam um pouco para cada um. No começo da noite, eles tinham algo para colocar na barriga. Hoje não é mais assim. Não havia vendedor de carne morta. Nossos antepassados não faziam isso. Quando eles pegavam muito peixe, eles davam para quem não tinha. Se arrumassem carne, eles dividiam. Eles não tinham o olho grande. Não tinham olho grande, porque nós éramos igual a menino. Menino não tem pena de nada. Mesmo assim, nós não negávamos alimentos para os outros, porque nós comíamos tudo junto e não tinha ambição. Aí, com isso, ficávamos todos felizes quando almoçávamos todos juntos! Os nossos jovens de hoje acho que são diferentes. Só querem as coisas para eles, mas isso não é agradável. Eles acham que esse modo traz felicidade para a gente, mas só arruina a gente.

O que acontece também é que mesmo que exista uma pessoa que queira dar algo a alguém, chegam outros de pensamento ruim e vai dizer: “– Não dê nada a ele, não! Só dê ao outro!” Não é assim. Se você me der com o coração limpo, Deus está vendo que você está me dando com o coração bom. Agora, com o seu coração sujo, se você der uma coisa com o pensamento ruim, faça de conta que você não está dando nada. Se você me der uma coisa de coração, aquela coisa que você vai me dar de bom coração Deus vai recompensá-lo (literalmente vai colocá-lo por cima), porque você está me dando de bom coração.

Mas isso está acabando. Porque era o jeito dos nossos velhos. Eles davam um pouquinho do que tinham. “– Rapaz, vá buscar uma coisinha na casa daquela pessoa! Vá buscar um pouquinho de farinha lá! Vá trocar esses peixes por farinha!”

Assim, nós ficávamos muito alegres quando eles chegavam do mato com a caça: camaleão, teiú, preá. Não era para vender. Porque não havia dinheiro.

Eles iam: “– Ei, rapaz, vá levar esses peixes para trocar na casa dos outros por farinha para nós comermos à noite!”

Depois chegava um com o peixe: “– Ei, rapaz, vá levar esses peixes para trocar na casa dos outros por farinha!”

Porque era desse jeito que nossos antepassados andavam.

E hoje, porque eu estou bem, porque eu me faço de homem branco, eu tenho minha casa, eu tenho minhas roupa e sapato, que Deus me concedeu, eu tenho um pouquinho para sobreviver. Eu não ajo como branco! Eu fico feliz quando uma pessoa entra em minha casa, quando está comendo algo comigo. Em vez de ele agradecer a Deus, eu quem agradeço por ele estar comendo comigo! “– Muito obrigado por essa fartura! Meus filhos e parentes estão bem.” Agradeço por ter vindo em minha casa para comer comigo. Essa ação é como se fôssemos uma irmandade. Vem um no seu local, a gente fala: “– Ei, rapaz! Venha comer!”

Ele vai ter vergonha de comer. Não é assim mais. Quando chegar um em sua casa, quando você for comer, assim que você se sentar para comer, você diz para a sua mulher: “– Coloque comida nesse prato!”

Você chama um: “– Venha comer! Olhe aí, rapaz, sua comida.” Você não oferece, você coloca. Logo depois que você colocar e chamar, ele vem comer junto com você. Se você disser: “– Você quer, rapaz?” Ele vai ficar com vergonha e vai dizer: “– Não, rapaz, eu não quero.” “– Já tem o comer que eu coloquei no prato. Venha comer!” “– Eu não quero.” “– Mas eu já coloquei. Você só vai sair daqui da minha casa quando você comer comigo!”

Porque é assim que as coisas são boas. Era dessa forma a vida dos nossos velhos. Eles não queriam as coisas só para si mesmos. Tudo isso está se acabando. Até eu vejo isso. Quanto mais nosso Deus.

Já está bom.

Let's Exchange Something

Romildo Barbosa de Lima

They were all there in the morning, by the fire. Then the white people who raised cattle arrived.

→ Indians, do you want to pull the hide of a cow?

Then the old people said:

– Come on, boys! We'll get the pathway through the bushes. I will take with me two boys to scare the vultures away.

When we got there, the cow was dead. We used to compete with the vultures, to steal their meat to eat. So for them, the vultures, it was good; our life was not good. They didn't sell anything. When they arrived with the meat, they said:

– Go tell others to help us!

Then they shared everything they had; they gave a piece of meat to everyone. In the early evening, they had something to eat. They don't do this any longer. There was no seller of dead meat. Our ancestors didn't do that. When they caught a lot of fish, they gave to those who didn't have anything. If they get any meat, they shared it with everybody. They weren't the green-eyed monster. We weren't the green-eyed monster because we were just like children. Children are not egoist. We never denied any food for anyone, because we ate all together and had no ambition. So, in the end, we were all happy when we had lunch together! Today's young people think are different. They just want everything for themselves, but this is not pleasant. They think that this way brings happiness to our people, but it only ruin us.

What happens also is that even if there is a person who wants to give something to someone, there will be someone else with an evil thought who will say "Don't give him anything! Give it to someone else!". It shouldn't be like this. If you give me something with good heart, God will see this. Now, if you do so with an evil heart, if you give something with evil intentions, it's better to pretend that you're not giving anything. If you give me something with an open heart, God will reward you for that thing that you gave me with a good, because you're giving me with a good heart.

But that is coming to an end. Because it was the way of our ancestors. They always gave something of whatever they had. "Boy, go get a little something at

that person's house! Go get a little flour there! Go exchange these fish for flour!"

So we were very happy when they arrived back from the woods with game animals: chameleon, tupinambis, Brazilian guinea pig. These were not to sell. Because there was no money at that time.

They were like: "Hey, man, go take these fish to someone else's home to exchange them for manioc flour, so we can eat at night!"

Then someone else came with the fish: "Hey, man, go take these fish to someone else's home to exchange them for manioc flour!"

This was the way our ancestors behaved.

And now, just because I'm fine like a white man, I have my home, I have my clothes and shoes, which God has given me, I have a little something to survive, I don't act like a white man! I'm happy when a person comes into my house, when I can share whatever I am eating. Instead of thanking God, I am the one who thanks the person who's eating with me! "Thank you for this abundance! My children and relatives are okay". I thank that person for coming to my house to eat with me. This attitude is as if we were a brotherhood. If someone comes to our place, we say: "Hey, boy! Come eat!"

He will be ashamed to eat. It's not like that anymore. When someone is at your place, if you are eating, as soon as you sit down to eat, you should say to your wife: "Put some food in this plate!". Then you should say to your visitor: "Come eat! Look here, young man, your food". You should not offer, you should give him or her some food. Just after you serve the food and ask your visitor to come, he or she will come and eat with you. If you say "Do you want some food?", he will be ashamed and will say: "No, man, I do not." "But I've already put some food to you. You will only leave my place once you have something to eat"

Things are good this way. It was exactly this way that our ancestors lived. They didn't want everything only for themselves. However, this is all ending. I can see this happening. Not to mention our God.

Ok, I'm finished now.



Yatkha Thoxankya Hle de Se Teeke

Agenor Ferreira de Sá

Ya ho khiaka fonte. Nema txidjo khlaka lwa dehe, ooya nendwa fulikha ke. Fuli nendwankya ke ooya khlaka. Nema Ooya etxtxo yatkha thoxankya hle do ooya teeke. Nema hle de ta sa tsoman, txidjo nendwa tha esoka hle de. Netxante ya futxi khiaka de ekhla ehese, ekka, yeeisese hana khiaka. Ethuya yeetso khiaka de ta kodeke ya sehate. Ya ehese satona iseka hle de yeehate Nema hle kaske yooka hle de ya txfonte. Nema se khdi, se ke, yawka hle de ya tsfonte tafiawa sato futxiti, xoa, fekhia, khdelaya, walka sato. Nema ya setxtxo yate txlutxlunkya hle de que é a kaypora, ta ya txlutxlunkya hle de. Nema yatkha thoxa watika hle de. Yatkha thoxaman hle yoose ya ekhdedeka hle. Nema ya atxwa neka hle de sedayawa fowa fthone khantese setxtxo edofean. Naati ta oosea hate, khahnen. Nema lwa sedaya lwa dooka hle de? Yaoosea exia khankya hle de. Nema hle de ya kakka noka hle de. Netxante ya toona seekhlema hle yaldjo khlaka hle de kaske. Ta ya te walkankya hle de ya akhay fdate ya holha de ooke. Se teeke ya khtoway yatkha thoxawa watika. Ufnana, ufa; ufnana, ufa; ufnana, ufa; ufnana. Nema ya lewneka hle de.

- Iio. Ya tihaxi, wey.
- Naati ithlo sato?
- Ithlo sato lewneka, wey, tkoda.
- Tokefle, wey?
- Ta ithlo lwa tkha thoxankya.

Awa se teeke ke toona elkanse. Nema hle de ya sa lhawa tkha thoxanse. Netxante. May neho yasa futxkya hle de. Fthea khethama yawka hle de ya aldeya ke. Ya tilhawa ke ya txman hle ya eldjo khla lay hle. Nekdey xoa, fekhia, fekhya, khdelmalka, que é o sardão. Peteka fthonewa lwa doa khiaka. Ya khodjo khia thloa tkawa. Se não, baduki fthonewa, makhay fthoa ya tafia futxite. Yatlife kaka khiaka de etxfonte. Nema setxfonse khla khiaka de se ke. Netxante ya keha khiaka de txtxaya dey. Yakhodjo dwa. Ya feetonse dwa. Sekefe etxkya etxhaman, ya ho khiaka fonte ftheasa. Ya ho khiaka yalkinte, nekdey ya ho khiaka ya elkinte, nekdey ya txidjo futxi khiaka.

A Coisa que Já Atordoava a Gente Dentro do Mato

Agenor Ferreira de Sã

A gente estava pescando e tinha muitos peixes e muita água no rio. No rio tinha muita água. Aí a Mãe D'Água atordoava a gente dentro da água. Quando ela se lavava na água, soltava muito peixe e a gente aproveitava e pegava muito: grande, pequeno... Aí nós escolhíamos. Os pequenos, nós soltávamos, porque não dava para a gente comer. Nesse tempo, preparava os grandes para a gente comer. Aí novamente íamos caçar; e nós já íamos caçar por dentro do mato, pegar preazinhos, teiú, camaleão, sardão, mangas. Aí nós éramos atrapalhados pela Caipora. Ela atrapalhava a gente nessa época. Todos nós ficávamos atordoados, sem destino. Quando a gente ficava atordoado, não sabia por onde ir. Então a gente fazia remédio com fumo e colava na pedra para a Caipora fumar. Como é que ela fuma? Apesar que não tinha fumo, mas colocávamos um pouquinho. Aí íamos ficando bom. De repente, quando a gente conseguia algo, a gente tinha muita coisa para comer na aldeia.

Outra vez até a gente brincava, porque a gente andava aqui no mato procurando o que comer, mesmo atordoados nos matos por aqui, lá, por aqui, lá, por aqui, lá, por aqui. E nós ficávamos em silêncio. Aí dissemos:

- Vamos voltar!
- Não, ainda vamos andar. Ainda não é hora de ir.
- E os cachorros?
- Rapaz, os cachorros estão calados.
- Por que, rapaz?
- Bem, os cachorros estão atordoados também.

Também dentro desse mato tem coisa ruim. Aí a gente ficou com a cabeça confusa de repente, mas pelo menos pegamos alguma coisa. No começo da noite, nós já tínhamos chegado na aldeia. Quando nós chegávamos com muitas coisas de novo: teiú, cambambá, camaleão, sardão.

Até uma peteca nós não tínhamos. O nosso trabalho era com faca pequena, não com um bodoque, com uma flecha para pegar preá. Os nossos cachorros eram bons para caçar e tinha muita caça no mato. Assim, a gente comia todo dia. Não tínhamos trabalho. A gente não tinha trabalho mesmo. Quando chegávamos da roça, a gente ia pescar à noite. Toda vez que a gente tomava banho, pegava peixe.

The thing that stunned us in the bush

Agenor Ferreira de Sá

We were fishing; there were lots of fish and plenty of water in the river. The river had plenty of water. Then the Mother Water stunned us into the water. When she was bathing in the water, she loosened a lot of fish and we took advantage and collected them all: big fish, small fish... Then we chose the best ones. We let the small ones go, because we couldn't eat them. At that time, we just prepared the big ones for us to eat. Then we would go again hunt; we went inside the bush to get little Brazilian guinea pigs, tupinambis, chameleons, eyed lizards. Then we were hampered by the Caipora. It hindered us at that time. We all got stunned, walking aimlessly. When we got stunned, we didn't know where to go. So we had to trick the Caipora, by sticking some tobacco into a stone for it to smoke. How does the Caipora smoke? We didn't have a lot of tobacco at that time, so we put just a small amount into the stone and waited. When we finally could get something, we would have plenty to eat in the village.

We even used to play sometimes. We walked here in the bush, looking for something to eat, even stunned in the woods, around here and there, here and there, here and there, here. And we we were very silent. Then we said:

- Let's go back!
- No, we'll still walk. It is not yet time to go.
- What about the dogs?
- The dogs are silent.
- Why?
- Well, the dogs are stunned too.

Also within this bush there are stranger things. Then we suddenly got very confused, but at least we caught something. Early in the evening, we had already arrived in the village. We came back with many things again: tupinambis, cambambá, chameleon, eyed lizards.

At that time, we didn't have a shuttlecock. We did everything with a small knife, not with a slingshot. We used an arrow to catch cavy. Our dogs were very good hunters and there were lots of things to hunt in the bush. So we ate all day long. We had no work. There was nothing to do anyways. When we got back home from the crops, we went fishing at night. Every time we bathed in the river, we caught fish.



Ifenkhattotwa Sato Dotka ke I Sawlinsese

Maria Brasilina de Amorim Ferraz

I ithe soso wa kfaltakka teka? Wa de txinkya teka he. Owa ikts^hale sosoma, wa kfaltakka? Nema i saathatkyia hle de. I wa keynika neka dodwa, he, wa djo fthonexto, he. Owa atxha i enasdyoawahe wa dofea. Owa feasa i dooka takanema, owa nekke fete wa kfalse txate.

I tkama lha khia he, itok^hettotwa sato i fenk^hettotwa sato dotka ke i sawlinsese. Iekhdeka neka dodwa he. I sawlinkyase neka naakasehe tha dotka ke. Nema ya ho lhawa lha khiaka de khoxkyia txti. Ya ho lha khiaka he txhdekhea. Ya ho lha khiaka khofowa te takdyowa sato. Ya duti lha khiaka he.

Nema yooma hle. Ya ho lha khiaka ya khodyo nete. Ya khoxawa ya totnesese de ya kehate. Ya khate yooma, ya faya txhleka tsawa. Klila ya fatho ke, ya tshaka tuthiase neka. Nekawde ya takha lha khiaka.

Olankya hle de i wa ke nese: wa neka txtxo ke wa txawdodete, wa khukkyia teka de Yaathe lha wa sa tkha khanete. Neholha sato wa khdenewdohe wa hay niho dwate. Uunilha kankyahe, txhuiwa sa dodwa lha. Owa yaathe i enasdyowahe hle wa dofea, i eddowahe de wa dofea. I dwalhaka takanema, nekay wa sa takhate. Owa atxhankyake ya ke neholha sato ya kodwase. Sosne dodwa tsahe, ya sosne lha tsa dodwahe. Nema wa txufnidene, wa dofea i etise. Olankya ke wa djitxinse.

Nema dyomase khoxkyia txti. Nema i ftxika hle de, i fdoneka hle de. Ifdonema, i so lhawa i tole ewka hle de. Txhua i khoxkyia itkha ke khankya hle de. Txhua edewa sato ya eki totdowa, ya khodjo nete ya kehate. Ya seti txtxose te teti. Eyawa ya koka. Neka ya etka, thookhethase. Eyaka thotseykyia otxhaytowa ya thwadekke. Yaadetwa.

Otxhaytowa he ya ktshale, ya ktowanama. Tha lelneka theeekhdete, ama ekhde? Txhua otxhaytowa netkase, he, ya ekhdedwana tha ekhdetkadwa. Tha ya thwaka dodwa, he. Nema ya nidehe neka ettxto te ya tetkyahe. Ya ta tsa enika lahehe. Tama ya te tha ya kekneka enika. Ya djo teeke, nema ya keknekahe lahele de. Nekay ya satakkay de otxhaytowa txtxo ke yawka ke lwa. May ya txtxo lhake yeddode khana.

Nema ya txhaka ya yawka teka hle de Yaathe lha. Edowaka teka hle de. Nekay wa saathati khankya. I kfenkyiahe Eedjadwa ke wa saathati khankya wa

txhaka l^{wa}. Neka i satkha laykya, he. Nema neka xumawke wa takka nokahe wa tkha layate. Nemã olankya de djinse safnayti wa theske, wa sa tkhalayte. Otxhaytowa wa sate lelnede? Fedehle yaksalha sato?

Nekke i wa khmaskya de wa fetia sato. Wa konethlia sato, yaadetowa. Wa nekke wasa tkha... Wa nekke satkha nen-wa tee. Nema uunilha kte i wa ke etkahe hle de wa ekhdelhate. Senenkya noka txtxo txhuiw sadodwankyake. Owa ya ktshale soso noka makdowa. Wa dofea yeeddowahe neka.

Ya ho lha khiaka fdjaka ite. Nema ixi ya txkhe dowa lha khia, yaakha lha khia tooka dose. Ya tooka dode lha khiaka ke. Nema txhua ya saxikhlese ya fehe yeetxholnese. Ya kfafka hle neka owa lay. Ya lnede lha khiaka, yaadedwa. Uunima hle toonan seekha kaka teeilneka, kawa. Seekha i ika lha khia ilnedeka. Neho i eyni nete kfenkya de nekanyan i tatnete i eite. Txhua seekha hle de i ktho i kheexneka hle de.

Eu Me Criei no Meio dos Meus Troncos

Maria Brasilina de Amorim Ferraz

Vocês querem escutar as minhas palavras? Eu estou com pena de vocês. Vocês querem escutar mesmo minhas palavras? Então eu vou falar. Eu não vou ensinar a vocês firmarem seus pensamentos. O que eu vou contar para vocês é para vocês, quando eu morrer, vocês escutarem o que falava, viu?

Quando eu era pequena, meus pais ‘foi’ no meio dos meus troncos antigos que eu me criei. Eu não estou dizendo que eu sei. Eu me criei vendo isso no meio deles. A gente andava tirando palha. Nós andávamos rasgados. Nós andávamos cheios de percevejos. Nossa pobreza era grande.

Aí quando nós fomos... E quando a gente ia trabalhar para a gente comer, depois que secava nossa palhinha. Quando nós íamos dormir, nossa cama era de vara. Era duro nas nossas costelas. Nossos lados ficavam doendo. Nós passamos por todo esse sofrimento.

Tem hora que eu digo a vocês: eu estou pedindo para vocês não caírem em uma situação dessa, coloquem na mente de vocês Deus há de ajudar vocês para sua situação melhorar a cada dia. Uma coisa dessa não é por acaso, só sendo obra do pai. Essas palavras que eu vou dizer a vocês, que eu também deixarei para vocês, para quando eu me acabar, vocês se dirigirem por essas palavras que estou dizendo, essas minhas palavras foi a natureza que nos concedeu e não foi por acaso, nós não temos que desvalorizar ela. E vocês não vendam, que isso aqui é para vocês. Tem hora que eu tenho pena de vocês.

Aí quando eu fui tirar palha e aí eu já caí e escorreguei. Quando eu escorreguei meus irmãos andavam comigo. Minha palhinha eu coloquei na cabeça. Aquelas verdes nós tirávamos e as secas também, para trabalhar com ela, para podermos comer. A gente fazia vassoura. O preço não era nada. Foi por isso que nós deixamos. Era muito baratinho o preço, porque os brancos não gostam de nós. Nós não existimos.

Os brancos só querem saber de nossas coisas e da nossa língua. Eles ficam alegres para saber nossas coisas, sabe? Os outros só querem saber de tudo que a gente sabe. Eles não gostam da gente, não. E nós não gostamos deles também. Para a gente conseguir sobreviver, nós vamos usar a mesma malícia contra eles, nós vamos ser ‘igual’ a eles também. É como se eles estivessem enganando que

gostam da gente. Dentro do nosso coração. Aí nós enganamos que gostamos deles também e nós vamos vivendo assim, parecido com o jeito deles, mas nós vamos viver esse do jeito dos outros, sem deixar a nossa cultura.

Apesar que uma parte pouca fala o idioma, já estamos nos tornando quase extintos, vocês ainda falam Yaathe. Eu tenho fé em Deus que pelo menos a metade de vocês ainda fala a língua materna. Eu me preocupo muito com isso. Aí vocês vão levando e sabendo um pouquinho. Tem hora que eu fico com a maior pena da perda da cultura. Eu fico preocupada com vocês. Vocês não ficam 'alegre' com a língua dos outros? Por que com a nossa não? Por isso que eu penso em vocês mais velhos, nos meninos e jovens. Escutem isso. E isso eu vou deixar para vocês.

Do jeito que as coisas andam não está de brincadeira. A nossa língua e a nossa cultura, agora eu vou deixar para vocês esse conhecimento.

Nós andávamos nos alimentando com cobra. E aí meus irmãos, nós não tínhamos cobertor, e a nossa comida era sem sal. Nós não tínhamos sal. Então nós esquentávamos nossos pés com o fogo para dormir. Não prejudicava. E hoje pode prejudicar, sabe, meu filho? Comida boa pode prejudicar a mim. A minha comida antigamente não me arruinava. Eu compro essas comidas para eu assar e comer, mas rezo para não adoecer. Aquela comida que eu mandei comprar eu como muito satisfeita.

I grew up in the middle of my trunks

Maria Brasilina de Amorim Ferraz

Do you want to listen to my words? I'm sorry for you. Do you want to hear me? So I'll talk. I will not teach you to enter into your own thoughts. What I am going to tell you is something that you can listen to when I'm gone. At the time of my parents, I was raised in the middle of my old trunks. I'm not saying that I know that. See, I grew up watching this, among them. We walked around collecting straw; we walked around with torn clothes, full of bugs. We were all very poor at that time. We worked with the straw we collected all day long. When the straw was drying, worked with something else, in order to have what to eat. At that time, we had to sleep in wooden beds. It ached so much in our ribs and sides. We went through all this suffering. That's the reason why I keep praying to you: don't fall into such a situation. Put that into your mind: God will help you to improve your situation every day in your life. Such things don't happen by chance. They must be our Lord's work. These are the words I'll give to you; they are the same words I'll leave to you when I'm done here, so you can act according to them, my words. Nature has given us the words; that didn't happen by chance. We should not depreciate this! You should not sell this. It's for you! There are times that I pity you!...

Then, when I went to collect straw, I slipped and fell. When I slipped, my brothers were there with me. I put my straw on the top of my head, the green ones. We took them off to work with them, so we could eat. We made brooms out of them, but they were very cheap. That's why we stopped making brooms to sell. We couldn't make any money out of them. The white people didn't like us. They just want to know about our stuff and to learn our language. They get very happy when they learn our stuff; they just want to know everything we know. They don't like us! And we don't like them. However, if we want to survive, we must use the same malice against them. We'll be like them too. They pretend they like us. Then we deceive them, by pretending that we like them too. So we live like this, like them. But we'll live the way they live, without abandoning our culture. Despite a small group of people who still know how to speak our language, we are already almost extinct. You will still speak our language. At least half of you will speak the language. That's why I worry so much. Then you will live this life, by learning a little bit of what I'm teaching you.

There are times I feel so sorry about our cultural loss. I'm really worried about you. Don't you get happy with the language of others? Why don't you get happy with our own language, then? That's why I think about when you get older. The children and young people should listen to you in the future. That's what my legacy to you. It's no joke the way things are right now. My legacy to you is our language and our culture. We used to eat with the snakes. At that time, we had no blanket, and our food was unsalted. We did not eat salt then. We used fire to keep our feet warmed. Then we slept. That didn't cause us any harm. This can harm us today, though, children. Good food can harm me. The food I ate before didn't cause me any harm. Now, I buy food for me to cook and eat, but I pray not to get sick. I am happy with the food I ordered, but I suspect that it may make me sick.



Setxfonse

João Lúcio Cassimiro

I Txo Maxi ixtola xinekahe, he, Txo Maxi ike nedwase.

Txo Maxi txkya ike nete:

– Yaadedwa, wey, awxow txhuuke ya tsfonte.

Nemano yaadedwandoa.

– Ya keeka maknite.

Nema djolhaka hle de Txo Maxiwa tole.

Newde ya tkooka se teeke. Ya tkoman, Txo Maxiwa unika hle de ike.

– Lewne, wey! Saathatkya da!

– Anhan, i nedene do. I saathatdjodene do.

Nema Txo Maxi yawka ya tfonte, Txo Maxi sa tfonte.

Nema iwka de Txo Maxi xite.

Yaadedwandoa. Ima tsfonkya khde khia neka tempo ke?

Nemano Txo Maxi bulako fthowa ke txaka.

Nemano:

– Yaadedwa, awxo ooke, wey!

Djoka hle. Nema ta i ke unika hle de:

– Awa bulako, awa bulako ke xowandoahe, wey.

– Tonkyatke eekhde, Txo Maxi, awa bulako xowankya?

– Sane. Ya eykya hlehe.

Noka hle de txhleka fthowa thulti; etxhahle tsfotsha nete.

Nemano taka hle de txhua bulako eite. Nema djaka de ike fnite. Yaadedwandoa. Nema Txo Maxiwa eikya noka, eykya noka, eykya noka, eykya noka nemano txhua finkankya bulako teeke.

Nema ta ike unika:

– Awxo, yaadedwa, owa fea sato kixi, wey!

I taka hle de ikhoho te fea sato kite, ikhoho te bulako teeke. Nemano i fekoman ta unika hle de:

– Keseykya no hle do! Xowa khaka awa ke teeke!

Nema i fea sato kisesde:

– Akhoho khanexi, wey, bulako teeke!

Nemano i sakhoho khaman, ikhoho txaka de toona lãwase ke.

– Txo Maxi, fdjakandowahe ooke!

Ta ike neka hle:

– Fdjaka dodwa. Xowahe, wey!

Nemano i fea kiknoka hle. Nema ta unika hle:

– Upanexi, wey!

I upane hle. Nema djaka hle de.

Taka hle de txhana fea sato kite.

Nema:

– Ima nedese, wey, ooke xowankya, yaadedwa? _ Ta i neka.

– Saate, Txo Maxi!

Nema:

– Fathoawna dodwa de. Ta ike neka.

– Txo Maxi, neskema ekhla xowa? Xowa ekhlama awa bulako ke?

– Iio. Tkanonankyahe ooke.

Nema ta fathowa futxkya hle de ta ike ekhninkya de. Nema ta ike ekhniman, djaka hle de txhua xowa hesa wati lay.

Nema ta ike neka:

– Etkhaya kixi, wey!

Djaka hle de etkhaya ke. I ewe hle, khane hle txhuuke. Taka hle de txhua bulako eyti kaske: teeykya, teeykya, teeykya. Nemano safehe djaka de i fnite. Nema ta unika hle de:

– Neho eso keseyawa hle, eso khase. Nema... Anhan! Saftxhatwa khakahe, otska nede txaiwa.

Nemano, ta ike neman, safehe te djadwa. I kaypola ixtola xinexte hle, neka dotka safehe te djamano, i kfekeya se teeke toona phuphunika phu! phu! phu!, txhleka phuphuniho nite kesey.

Nemano:

– Txo Maxi, wey!

Aí, ta ike ne:

– Tokteke yaadedwa?

– Wey, txhua ya teeke toona phuphunika teka khakahe.

Nema:

– Lewnexi, wey! I ekhde hle do. A elkada! – Ta ike neka.

Nema:

– Awxo ooke!

– Djoka hle de.

– Owa fea sato kixi hlehe. Eykia noxi kmasaiwā, djone fāw ufa.

– Txo Maxi! Neskedina a ekhdekama, he, awa txhleka layho de?

Nema ta neka:

– I ekhde.

Nema noka hle. I efnimā noka hle de txhleka txhana ke fthowa thulti. Nema taka hle de ekhatxha kite txhua pinhão pedasowa khatxha kite thlowa te txhua txhleka eethe.

Nemano ta i unika hle de:

– Djokahe hle ufa nema a takahe de aoke. A elka dāw!

– Anhan. I eldodene do.

Ta sedaya khane hle txhua oosea fthanewa ta tetkya txhana pinhão ke, pinhão gayo te. Nemano ta sedaya khane hle teeke. Nema i naaka de tkooka se teeke. Djaka de. Txhua parane hle. Awa neho kesman ta txhutsa oosea neka hle de, txhua txhleka tsawa. Nema taka hle de txhuuke txhuuke toonā suso nite txhuuke. Nema i naadodwa. Nema, ta esusnisesde, etxaka hle de sedaya pedasowa thulti fowa fthane thake khante.

Nema i unika hle de owe hle ufnana:

– Tokeke, Txo Maxi, txhua sedaya pedasowa khane hle txhutsa fowa thake?

Nemano ta esusnisesde, etxkya noka hle.

– Txo Maxi, ama toona nahase, wey?

– I nahase, wey.

– Ke tosekehe, Txo Maxi? Ke kaypolawa sehe?

– Kaypola, anhan. Djokase take oosea, ta ooseakake lahe, nema i sedaya pedasowa tkase de fowa thake, que é taksasa, teekawate.

– Txo Maxi, tokeke a unika teti khofean?

– Ama ekhdede, yaadedwa?

– I ekhdelha dode.

Nema ta ike unikahe:

– Enhen, kaypolahe, wey, ooke katinga ksa tsohe. Nema i txkya de itxfonte ta ike txhua çaça nendowa nanexte hle. I xowa we, i meleka we. Nemano nede

fekhyawa sato we, txhutsa kaypola ike kodwa kte. Nekke sade txtxaya dey i txkyahe i tsfonte. Wa naadohe?

Ta ike neka: – Wa naadohe?

I tfonsesde aldeia ke I txman, i lixwane takkyahe. Tokeke? Kaypola i tkake. Nema i sedayawa kika hle de take ta ooseaka wati, ta ooseaka.

– May, Txo Maxi, txay mahe nenke otska?

– Iio. Txayhe. – Ta neka – Txayhe, txay fthanewahe.

– Tonkyate sakehe txtxo?

Nema ta ike neka hle de:

– Eli khlanehe! – Ta i ke neka, Txo Maxi. – Kaypolawahe eli ewlidjonkya te. Ktoawa txhkika te fehema.

– Sade, Txo Maxi?

– Anhan. Neske yaxowa, wexi hle.

Nema noka hle de txhua. Ta sa khoho khaman bulako ke. Ta xowa esnika de bulaco teede.

– Etkha a kixi, wey, kaske.

I etkha ki hle.

Newde:

– Yooxi hle, wey.

Noka hle de volta kote.

Ya fekoman, ta ike...

– Ke fekhya fthane!

Nema:

– Tonkyate txhutsa fekhya yeewene, Txo Maxi?

– Djilkyaha, djokahe taman ethle ke.

Nemano ta lasu fthoawa teti hle, kilkya hle de, ta tate lasane hle. Ta lasaman, ta esniman, txhutsa fekhya loyllhone etxkya fea tuy. Ya txa hle ewte. Nema ta unika hle:

– Yooxi hle. Tha ya eyini hle do. A xowa fthowa takhane, nema esowa i fikanene. Xowa fthoawa nede fekhya. Nema xowa fthoawa a niine do?

– I niine dohe.

Nema yati ke i txman, mamãiwã kinkya teka toona dose.

– Meu fio, unay ke a hoase? – Ta mamãy hle ke neso. – Unay a tase?

– Mãy, iwkase itsfonte.

– To tole awkase, yaadedwa, tsfonte?

– Txo Maxi i takkase. Nema ta ike owa xowa kokase de. Neske ya keekahe hle, mãy.

– Naatike, tonkyate ya niine hle? Nema ta unika hle de. – Meu filho, ya kitxhiwa dwa!

– Tonkyate ke ya niine hle, mãy? Ya khkwahe etxixhewa ke.

Nemano kfalse txaka, mamãiwã kfalse txaka hle de.

– Awxi! Awxi txa Arsina ke. Nema a nekahe de take ta kitxhia fliwa tafnrite ya keeka maknrite.

Djokahe hle. Neske i txman ufa, txa Arsina kinkya teka. Nema:

– Txa Arsina! Txa Arsina!

– Oi! A tkooxi, meu filho!

I tkoo hle.

– I txkya teka ooke mamãiwã i tafnikase ooke kitxhia fliwa a ya kokahe yakeeka maknrite. Ewkaske Maxiwa tole, Txo Maxi i takkase ya tsfonewa. Nema ta ike xoawa fthowa kokase de. Nema i txmã hle: “– Mãy, naati – i unika hle – ya niine hle ya kitxhiwa dosey?” Nema ta i ke unika: “– Awxi Txa Arsina ke, nema kumaskya de kitxhia fliwa take.”

– Pois, meu filho, a takkay hle.

Ta ike xikla kaneko unihowa ta ki hle. Ta ike koka hle de. Nema:

– Nenhe, ooke, mãy.

– Ama naha? Ya keekahe hle, meu fio.

Nemano xowa khase hle towe ke, ta khlokte tadwa kte. Nemano khlokka hle. Nema ya xkya hle de ya keete, owe, Maura, mamãiwã. Nema papai tadekase de neka ola.

– Mãy, papai khofean daxi toonawa.

– Kha hle dohe aoke. Etxman keehane do!

Nema nekase. Nema neka ikfalse de etkha txdjotkya de awa pasadowana. Yaadedwandowa. Dokhea nendoa. Nema i ho khiaka de otxhaytowa lamante, nema otxhaytowa txhua armazem satoy, txhua otxhaytowa sato armazem ksato feytonho sato i tha lamane xite hle txhuuke. Iwka hle tha khdewte. Tha i thi khiaka de fejãwa, maltxi saamletwa, saamletwa. Tha saamlene khiaka fejãwa tole maltxi.

Datkea fthanewa kte tkha ke. Nema txhua datkea takixte hle fejãw karoso te, maltxi karosowa i tximan:

– Nehe ooke, mãy, i ahumandowase!

Anhan, txhana ethanewa sato.

– Pois meu fio, yeesexi hle.

Ya xkya hle de eysete, txhana fejëw thonewa sato ya khane kanto te, maltxi thonewa ya khane kanto so te. I eflsesde, mamãiwã noka hle de kako khante towe ke, kako txhloman hle. Mamãiwã ta txhufnisesde, yooka hle de txhua pilãw djaka hle de pilãw ke txhua maltxi teti ya fubawa nekawa te yeekeekawate.

Neho de i kfalse ke, etkhatdjotkya ikfalse de. Pulinkya khiakke txhana tempo. Newde i seeneknoka hle de, i ewlisyankya noka hle, ewlisyankya noka hle. Nema i take fthoawana khiaka. I take txhitxhiniman khia, mamãiwã ne khiaka:

– Maura, awxi João takewa tste.

Nemano:

– Awxi, João, a takewa kite.

I tkhoka hle de yati. Yati payawa tsake.

– Awxi atakewa kite.

Djoka hle de. Maura ke khniman noka wate, nema i fikankya hle de txhuuke até itakewa totkwawate. Totsesde, i ekhewa hle i tkhatxi khiaka de.

Nema nekawde ke uunima, galxa, nekawde ke imajinankya i txkyano. Nema uunima, galxa, ya ni hle otxhaytowa sato. Nema ya take uunima, ya take, galxa, ekhlahe. Yaakha khla, galxa. Nekke sade, i nese, xtey, txhana tempo ekaka khia. Ya utxi ethdonkya i khia, seetadwa ya ei khia ethdonkya. Lefetia thman yoo khia tama até fulikha ke ya eikawate. Nema uunima hle de ya nedose hle, galxa, kaske.

A Caça

João Lúcio Cassimiro

Eu vou contar uma história do velho Maxi, viu? Que o velho Maxi me contou.

O velho Maxi chegou e veio me dizer assim:

– Menino, venha conosco caçar ali.

Eu era menino.

– Para nós podermos comer.

Aí eu fui com o velhinho Maxi. Entramos no mato. Quando nós entramos no mato, o velho Maxi disse assim:

– Cale-se! Não fale nada!

– Sim, eu não vou falar nada.

Aí eu fui com o velho Maxi, caçar com o velho Maxi. Eu andei atrás dele. Eu era menino. Eu não sabia caçar naquele tempo.

Então o velho Maxi encontrou um buraco.

Aí ele disse:

– Menino, venha aqui!

Eu fui. Aí ele disse assim:

– Nesse buraco tem teiú!

– Como é que você sabe, velho Maxi, que nesse buraco tem teiú?

– Tem. Nós vamos cavar!

Ele foi cortar um pau; fez a ponta. Já estava cavando o buraco, e eu estava só olhando. Eu era menino. Aí o velhinho Maxi foi cavando, foi cavando, foi cavando e foi cavando aquelas terras, foi ficando dentro do buraco. Aí ele disse assim para mim:

– Venha, menino. Tire essas terras.

Eu já estava tirando com a mão as terras, com a minha mão dentro do buraco. Aí, quando eu dou fé, ele diz:

– Já vai perto! O teiú está dentro desse buraco!

Então, depois que eu tirei a terra:

– Bote sua mão dentro do buraco!

Quando eu coloquei a mão, encostei em uma coisa mole.

– Velho Maxi, tem cobra aqui!

Ele me disse:

– Não é cobra, não! É teiú, menino!

Então fui tirando as terras. Aí ele disse assim:

– Levante!

Eu levantei. Eu já fiquei de pé. Ele ficou tirando o restinho daquela terra.

Então:

– Eu não disse que tinha teiú, menino?

Ele me falou.

– É verdade mesmo, Velho Maxi!

Então:

– Não é só um, não.

Ele me disse.

– Velho Maxi, então tem muito? Tem muito teiú dentro desse buraco?

– Não, só tem dois aqui.

Aí ele pegou um e me entregou. Quando ele me entregou, segurei aquele teiú muito grande. Então ele me disse:

– Bata na cabeça dele!

Eu bati na cabecinha dele. Eu o matei e o coloquei ali. E ele estava cavando o buraco de novo. Cavava, cavava, cavava. Aí eu estava em pé, só olhando. Então ele disse assim:

– O outro já está perto, o outro, a camarada. Então... Sim! O casal, o homem e a mulherzinha.

Então, quando ele me disse isso, eu estava em pé.

Eu vou contar a história da Caipora agora.

Enquanto eu estava em pé, eu escutei dentro do mato umas coisas batendo phu! phu! phu!, como se estivessem batendo nos paus.

– Velho Maxi!

Aí ele me disse:

– O que é, menino?

– Rapaz, ali na nossa frente estava batendo uma coisa.

Aí ele disse:

– Cale-se! Eu já sei. Não tenha medo! Ele me disse.

Então:

– Venha aqui!

Eu fui.

– Tire essas terras. Vá tirando devagarzinho, que eu vou lá.

– Velho Maxi, então você sabe o que está quebrando esse pau aí?

Ele disse:

– Eu sei.

Então quando eu olhei, ele já tinha ido cortar pau de pinhão.

Ele tirou a casca, pedaços de casca de pinhão, com a faca para ela comer.

Aí ele disse:

– Eu vou lá e você fica aí. Não tenha medo!

– Sim. Eu não vou ter medo.

Ele botou fumo naquele cachimbo que ele fez naquele pinhão, com o galho de pinhão. Ele colocou fumo no cachimbo que fez com o galho do pinhão e eu o vi entrar dentro do mato. Eu fiquei. Ele parou. Aí eu olhei para as costas dele, enquanto ele entrava pelo mato. Foi por conta disso que ele fez um cachimbo daquele pau. Ele estava ali, como se estivesse fumando. Eu não via nada. Então, depois que ele fumou, ele já chegou cortando um pedaço de fumo para colocar em cima de uma pedra. Aí eu logo me perguntei:

– Por que o velho Maxi colocou aquele pedaço de fumo naquela pedra?

Depois que ele fumou, ele veio chegando.

– Velho Maxi, você viu alguma coisa?

– Eu vi, rapaz.

– O que foi, velho Maxi? Foi a Caipora?

– Caipora, sim. Eu fui dar o cachimbo para ela, ela fumar também. Eu deixei um pedaço de fumo em cima da pedra, que é dela, para ela poder comer.

– Velho Maxi, por que você fez isso para ela?

– Você não sabe, menino?

– Eu não sei.

Aí ele disse assim:

– Olhe, a Caipora, rapaz, é a dona da caatinga. Quando eu venho caçar, ela mostra muitas caças. Mato teiú, mato tatu, mato camaleões. É aquela Caipora que me dá. Por isso que todo dia eu venho caçar. Você está vendo? Depois que eu cacei, eu fui para a aldeia levando o meu bernal cheio. Por quê? Porque a Caipora deixa para mim. Nós damos fumo para ela poder fumar cachimbo, para ela fumar.

– Mas, velho Maxi, é mulher ou homem?

– Não, ela é mulher mesmo – ele disse.

– É mulher?

– É uma mulher mesmo.

– E como é o jeito dela?

Aí ele me disse:

– Ela tem muito cabelo. Essa caipora tem um Cabelo comprido, cobre ela toda, até os pés.

– É verdade, velho Maxi?

– Sim. Pois mate agora o nosso teiú.

Aí ele foi naquele buraco colocar a mão, puxou do buraco o teiú.

– Bata na cabeça dele novamente.

Eu bati na cabeça dele. Depois:

– Agora vamos por ali.

Fomos dar uma volta. De repente, ele disse para mim...

– Olhe um camaleão aí!

– Como é que vamos matar esse camaleão, velho Maxi?

– Eu vou subir e buscar nos galhos.

Aí ele fez um laço, foi subindo e laçou. Quando ele laçou e puxou, o camaleão veio pendurado, até chegar em baixo. Estávamos esperando para matar. Então ele disse:

– Vamos. Já estão à nossa espera. Você vai levar um teiú e eu vou ficar com o outro. Um teiú e o camaleão. Então você recebe um teiú?

– Eu recebo.

Voltamos e chegamos na aldeia. Quando chegamos na nossa casa, a minha mãezinha estava sentada, sem nada.

– Meu filho, por onde que você andou? – minha mãe falou. – Onde que você estava?

– Mãe, eu andei caçando.

– Com quem você foi caçar, menino?

– O velho Maxi me levou. Ele me deu um teiú! Nós vamos comer, mãe!

– Como é que vamos se haver agora? – ela disse. – Meu filho, a gente não tem farinha.

– Como é que vai ser agora, mãe? Vamos beber o caldo.

Então minha mãezinha se lembrou:

– Vá na casa da velha Arcina. Você vai dizer a ela para ela mandar um pouco de farinha para a gente poder comer.

Aí eu fui. Quando cheguei lá, a velha Arcina estava sentada. Aí a velha Arcina disse:

– Oi! Entre, meu filho.

Eu já entrei.

– Velha Arcina, eu estou aqui porque minha mãezinha me mandou para pegar um pouco de farinha, para você dar para a gente, para a gente poder comer, porque eu fui com o velhinho Maxi, o velho Maxi me levou para caçar, aí ele me deu um teiú. Eu cheguei e disse: “mãe, e agora? Como nós vamos se haver sem a gente ter farinha?” Aí ela disse: “– Vá em tia Arcina. Aí você pede um pouco de farinha a ela”.

– Pois, meu filho, você vai levar a minha xícara.

Ela encheu um caneco e me deu.

– Olhe, mãe, aqui!

– Está vendo, meu filho? A gente já vai comer então.

O teiú já estava no fogo, estava cozinhando. Então cozinhou. Nós estávamos comendo, eu, Maura, minha mãezinha. Meu pai não estava nessa hora.

– Mãe, deixe alguma coisa para meu pai.

– Já está aqui. Quando ele chegar, ele come.

Então, foi assim. Não sai da minha lembrança esse passado.

Eu era menino. A fome era grande. Eu andava trabalhando para os brancos, os brancos daquele armazém, aqueles brancos, os donos de armazém, aqueles que trabalhavam no armazém. Eu trabalhava ali, ajudando eles. Então eles me presenteavam com feijão e milho misturado. Eles misturavam feijão com milho.

Eu tinha um chapéu na minha cabeça. Aí eu enchia o chapéu com caroço de feijão, com caroço de milho. Quando eu chegava:

– Olhe, mãe, o que eu arrumei!

Sim, aqueles caroços!

– Pois, meu filho, escolha.

Eu ficava escolhendo, colocando aqueles caroços de feijão em um canto, os caroços de milho em outro canto. Depois que eu acabava, minha mãezinha ia colocar um recipiente no fogo, quando o caco já estava esquentando...

Depois que ela vendia, a gente ficava naquele pilão, pisando milho para fazer fubá de milho, para a gente poder comer.

Tudo isso não sai do meu pensamento, da minha memória. Nós éramos

pobres naquele tempo. Então foi se passando, eu fui ficando frangote, ficando frangote. Eu só tinha uma roupa. Naquele tempo, quando sujava a minha roupa, minha mãezinha dizia:

– Maura, vá lavar a roupa de João!

Então:

– Vá, João, tirar sua roupa.

Eu entrava no quarto, em nossa casa. Nossa casa era feita na palha.

– Vá tirar a sua roupa.

Eu ia. Quando eu a entregava para Maura para ela ir lavar, eu ficava ali até a minha roupa secar. Depois que secava, eu saía correndo.

Hoje eu fico imaginando. Hoje, graças, estamos como se fôssemos brancos. Agora, hoje as nossas roupas são muitas, graças. Nossa comida é muita, graças. É por isso que eu estou dizendo, minha gente, naquele tempo era bom. A gente comia carne morta, a gente comia galinha morta... Quando morria um boi, nós íamos buscar no rio, para poder comer.

Hoje não fazemos mais isso, graças.

The Hunt

João Lúcio Cassimiro

I will tell you a story of old Maxi, ok? Old Maxi told me it.

Once, old Maxi approached me and said:

– Boy, come with us to hunt there.

I was a boy then.

– We'll hunt so we can have something to eat.

So I went with little old Maxi. We enter the woods. As soon as we entered the woods, old Maxi said:

– Shut up! Do not say anything!

– Ok, I will not say anything.

So there I was with old Maxi, hunting with old Maxi. I walked behind him. I was just a boy. I did know how to hunt then.

Suddenly, old Maxi found a hole.

Then he said:

– Boy, come here!

I went there. Then he said:

– There is a tubinambis in this hole!

– How do you know that there is a tubinambis in this hole, old Maxi?

– There is. We will dig it!

He grabbeg a piece of stick and made an arrow out of it. He was digging the hole, and I was just looking at him. I was just a boy. Then little old Maxi digged, digged, digged and digged that hole, sticking that arrow into the hole. Then he said to me:

– Come on, boy. Help me to remove the soil.

I was removing the soil with my hands, with my hands inside the hole. Then, all of sudden, he says:

– It is very close! The tubinambis is inside this hole!

So I continued digging the hole:

– Put your hand into the hole!

When I put my hand into the hole, I felt a soft thing in it.

– Old Maxi, there is a snake here!

He told me:

– It's not a snake, boy! It's a tupinambis!

So I continued digging the hole. Then he said:

– Stand up!

I stood up and watched him taking the remaining of the soil.

– Didn't I tell you there was a tubinambis in here, boy? – He told me.

– Indeed, Old Maxi!

Then:

– It's not just one! – He told me.

– Is there a lot, Old Maxi? There are a lot of tubinambis inside that hole?

– No, only two here.

Then he took one tubinambis and handed it to me. When he handed it to me, I held that enormous tubinambis. Then he told me:

– Hit it in the head!

I hit on its little head. I killed it and put it there. And he was digging the hole again. Digging, digging, digging. There I stood, just watching. Then he said:

– The other one is at hand, the other comrade. So yes! The couple: the man and the girl.

So when he told me this, I was standing.

I will tell you the story of caipora now.

While I was there standing, I could hear inside the woods some hitting sound: phu! phu! phu! It sounded like something hitting the trunks.

– Old Maxi!

Then he replied:

– What is it, boy?

– There is something hitting the trunks there, right in front of us.

Then he said:

– Shut up! I already know what it is. Don't be afraid! – He told me.

Then:

– Come here!

I went there.

– Remove this soil. Take it very slowly. I'll go there.

– Old Maxi, then you know what is breaking those trunks over there?

He said:

– I know.

So when I realized, he had already gone to cut whipping-top wook

He peeled the wood, pieces bark with a knife for him to eat.

Then he said:

– I'll go there and you stay here. Don't be afraid!

– Ok, I won't be afraid.

He put some tobacco in that pipe that he made out of that pine-tree branch. He put some tobacco in that pipe that he made out of that pine-tree branch and I saw him go into the bushes. I stayed there. He stopped. Then I looked at his back, as he entered the woods. It was because of this that he made a pipe out of that stick. He was there, as if he was smoking. I saw nothing. Then, after he smoked, he returned cutting a piece of tobacco to put on top of a rock. So I just wondered:

– Why did old Maxi put that piece of smoke on that rock?

After he smoked, he came back.

– Old Maxi, did you see anything?

– I did, boy.

– What was it, old Maxi? Was it the caipora?

– Yest, it was the caipora. I went there to give her the pipe, so she could smoke. I left a piece of tobacco on the stone, which is hers, so she could eat it.

– Old Maxi, why did you do this to her?

– Don't you know why, boy?

– I don't.

Then he said this:

– Alas, boy! The caipora is the owner of the savanna. When I come here to hunt, she shows a lot of prey to me: tubinambis, armadillos, chameleons. It is that caipora that gives me all these animals. This is why I come here every day to hunt. Do you hear me? After I hunted, I went to the village taking my knapsack full of game animals. Why? Because the caipora allows me to do so. So we give her tobacco in return, so she can smoke.

– But old Maxi, is it a woman or a man?

– No, she is a woman. – He said.

– Is it a woman?

– It is a woman indeed.

– And how does she look like?

Then he told me:

– She has a lot of hair. This caipora has long hair; it hides her from head to toe.

– It is true, old Maxi?

– Yes. Now kill our tupinambis.

Then he went to that hole and put his hand on it. Then he pulled a tupinambis out of it.

– Hit it in the head again.

I hit it in the head. Then:

– Now let's go over there.

We went for a walk. Suddenly he said to me:

– Look, there is a chameleon over there!

– How do we kill this chameleon, old Maxi?

– I'll go up and get it in the branches.

Then he made a loop, went up the tree and lassoed the chameleon. When he lassoed it and pulled it, the chameleon came down, hanging by the lasso. We were going to kill it. Then he said:

– Let's go back. They are waiting for us. You will take the tupinambis and I will keep the other one. A tupinambis and the chameleon. So did you get a tupinambis?

– I did.

We came back and arrived at the village. When we arrived at our house, my mom was sitting there, with nothing to eat.

– My son, where have you been? – My mother asked. – Where were you?

– Mom, I was hunting.

– Whom did you go hunting with, boy?

– Old Maxi took me to hunt. He gave me a tupinambis! We'll eat it, Mom!

– How are we going to eat it? – She said. – We don't have manioc flour, son.

– What now, Mom? Let's drink the broth.

Then my mother said:

– Go to old Arcina's place. You will tell her to give us some manioc flour so we can eat.

So there I went. When I got there, old Arcina was sitting in the living room. Then old Arcina said:

– Hi! Come in, my son.

I went in.

– Old Arcina, I’m here because my mom sent me to ask you to give us some manioc flour, so we can eat. I went hunting with old Maxi and old Maxi gave me a tupinambis. When I came back home, I said, “Mother, what now? How will we eat this without any manioc flour?” Then she said: “Go to your aunt Arcina and ask her to give us some manioc flour.”

– Alas, my son, you’ll take my cup.

She filled a cup with manioc flour and gave it to me.

– Look, Mom, here it is!

– Look at this, my son! We’ll eat now.

The tupinambis was already in the fire, she was cooking it. Then, it was cooked. We ate it then: me, Maura, my little mother. My father was not there with us.

– Mother, save something for my father.

– I’ve already saved some for him. He’ll eat something when he arrives.

So that was it. I can’t forget this past.

I was a boy. Hunger was a big deal. I worked for white people then, the white people of that warehouse, those white people, the warehouse owners, those who worked in the warehouse. I worked there helping them. Then they gave me mixed beans with corn as gift. They mixed beans with corn.

I had a hat on my head. Then I filled that hat with beans and corn. When I arrived:

– Look, mother, what I earned!

Yes, those seeds!

– So choose the best ones, son.

I was left there, separating the seed, putting the bean seeds on a corner and the corn seeds on another corner. When I was finished with that, my mother would put a pan on the fire.

After work, we got that drumstick, stepping corn to make corn meal, so we could eat.

I can’t forget this. We were poor at this time. So time passed by, I was getting older, getting older. I just had just an outfit. At that time, when my clothes were dirt, my mom would say:

– Maura, go wash João’s clothes!

Then:

– Go, John, take off your clothes.

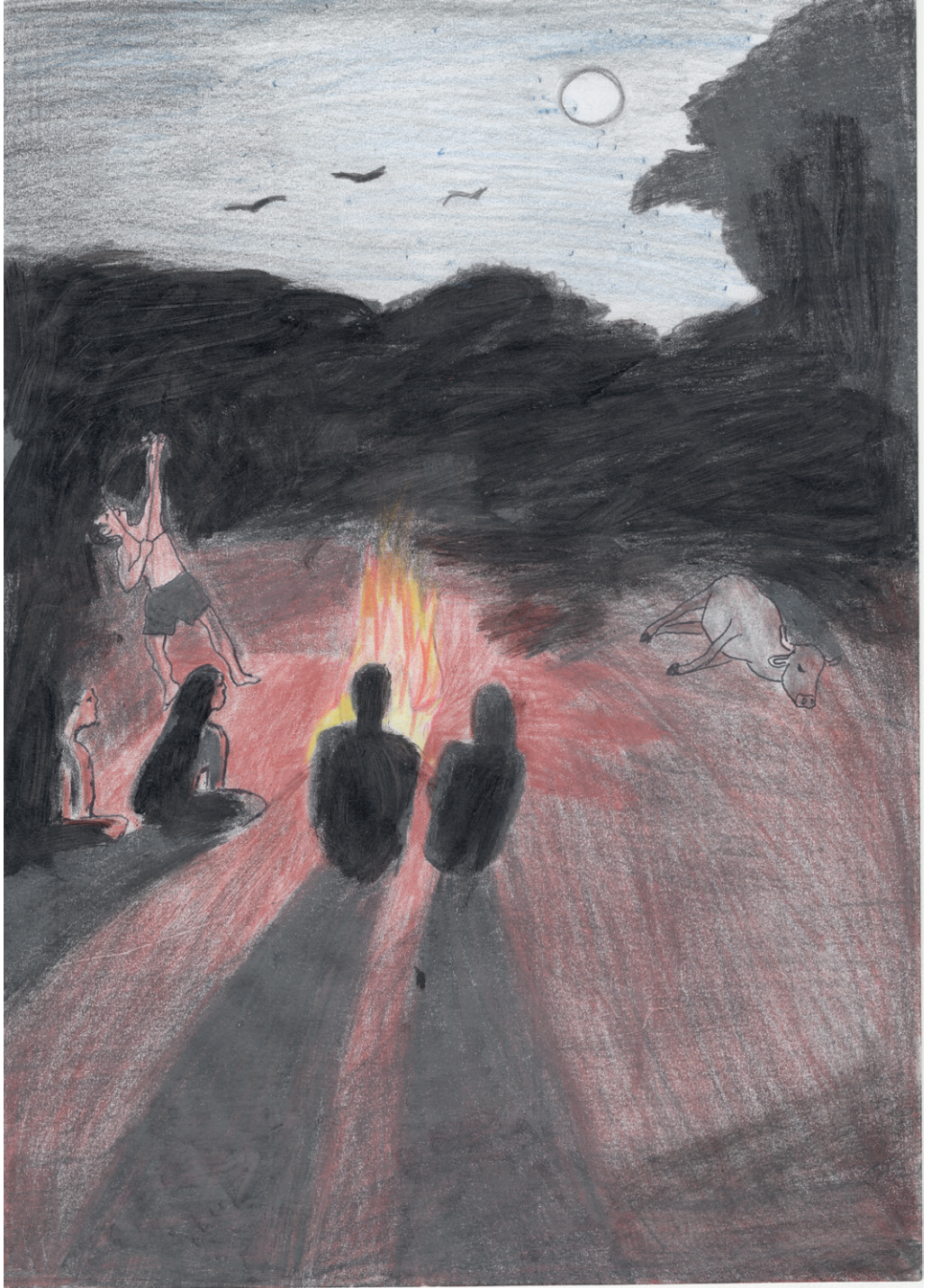
I went into the room in our house. Our house was made out of straw.

– Go get your clothes.

I did. When I handed it to Maura for her to wash it, I kept in there until my clothes dried. After that, I raced to get them back.

Today I just wonder. Today, thankfully, we are as if we were white people. Now, today we have plenty of clothes, thankfully. We have plenty of food, thankfully. That's why I'm telling you this, folks. That time was good. We ate dead meat; we ate dead chicken... When an ox died, we were going to the river to get on it, so we could eat something.

Today we don't do that anymore, thankfully.



Yatxtxo Khiahe

Teresa Maria do Espírito Santo

Ikkasey he Yaathelha ke i saathathise. Nema itookhethanelha saathathilhaka de. Kdonehlefa ta i kejnika nedeka de Yaathelha ke. Nema itkha ketite txhualhama, i sakhotle ewlinkyase, i satkhalaykya txkyasede. Nema i sesa etho klilane fliawa sato ke i txhatnelhaka de Yaathelha saathethite.

Nema uunima i nankya teka de tha ktshalenelhankena Yaathelha tha sakfalse ke khankya. Nedelhakahe ya thohiawa ya holhaka. Nema txhua Yaathelhama sate siineho ta mukāwa futxilalhaka de ta ktshalenelha ksa edosey ke. Ama ekhde? Nema uunima i nankya teka de otxhaytowalha ktshale ke tha sa tesiinelhaka fatay ke. Senenkya de tediaka teka de nedekke. Txhua Yaathelhama yasasato esi. Nema Yaathelhanama txhua sakfalse laiman senenkya de tediase lwa teekahe kaske.

Ikkalhawma i unide khia dohe oso lhawa ke dutine, ama ekhde? I takelha sato khia lwahe edwa. Otxhaytowalha eti txhua fliwawa sato holhaka. Nema nesolha sato eti de txhua setkenelha sato ekhdowahe. Efeklhawa theetxondowa khia tha itilhaka de i ekhelhate. Uunima i neskawdotkya hle. Tonkya tatha? Txhua thake senenkyalhadema sayti lhawa itxo, ama ekhde? Ioslahawa eflidwane. Nema i ta kukilhaka nante i holhawka de.

I senenkyalha elka khla nankyase hle. Nehlefa i kakalha khla i nanse, i nankya khlase hle lahele. Nema uunima senenkyalha kaka ya nankya xkya, kdonehlefa yasa txtxo khdedeka teka, senenkyalha kaka etxdjowasewde. Yoo wati etsha tulkuate, ama ekhde? Sa satantaksena sandotka ke seho. Sate yatkhā ke nantena ewtakdoalha sato khlaktekke hle.

Nema txhana sokhlokodonkyalha, oote tetxdjonkyalha sato, yake fekhlatwa holhaka de sake xinitey i kexalha so toonawa saekhlete. Ya toonawa, tha txhua toonawa te tha saekhleka takanema, txhua edutiwa sato ke tha koxte khia. Nema nehode, nehodeke, unilhaka dehe, ama ekhde? Nema i nelhaskawdotkya hle de. Nehodeke i tha yoonelhaka teka de. Otxhaytowalha fthadwa yeenide hle, yeenide. Nefa ya tutxhialha sdey, ya txtxo lhawa sasnidwate, yake ewte khialha satkwa de. Otxhaytowalha fniho dwa txhua se tutxhialha khotsha sdey sakhoho tshasnite eynika makdowa. I txtxo khiaka edalha sato. Nema nekdey yasa Ta yoonelhaka dehe. Nelha kte yasa setilxinetē.

Woo sato i sesa, wa yaadedwandwa sato, sa tkhalaykya note Yaathelhamaka, wa satkhalayte. Neskedina Ta khukhilihaka ekhdene. Neho denkya kese sekhotlese mak'ho.

Nedekteka.

Nekdey otxhaytowalha ktshaletena tha ktshalenelha satkwate. Owa fea txkyalha ke, tha efendowalha da. Nema unika, unika wa sanolnedete, ama ekhde? Wa nektay ke wa txtxolha kakawa sasnidwate, wa maynilhaka nokahe hle de. Ya txtxo khiate, wa txtxondotkya, owalha txhatxletwa sato. Oso lhawa owa txtxo khiate, tha txtxondotkya, ama ekhde? I tookhethanelha sa takelha etsolhakahe i khofean i takehe tetti. Nelhaskawdode hle, ama ekhde? I tha yoonelha satkwa teka de sokhlokodonkyalha lalianelha. I lhawa i txkwa tha yoonelhaka dehe. Nelhaktay i tooke i txtxo khiate. I txhatxletwalha sato i txtxondotkya.

Nema unika de wake xinedwa. Kaske ya holha kane unika, katinga, ya khdehewa fdate, yaakhay fdate. Lefetialha se teekhay edwanelha, luxtutwa kesey ya holhaka. Newke, lefetia fthane, lefetialha fthowa dooka, kahne. Anhan. Yooxto tokhe te fdate.

Nema i kfalse ke khankya isone dwanewa. I sesa ekhlane. Seynedonkya txilhaka de efekhlawa tole, txo Visentin tole, katinga wewa ksa ewte. Nema txhua luxtutwa nose dey theesenelhaka. Nema neho etxhasede tha tximan hle txhua etxnesolha tha kthataxi neho te takte, neho te saakha nete. Nema, neho lwa khia dehe yasa etxhi txhua dododwa sato.

– Neso! Neho! Enhen! Owawa, owawa te.

Ya fnelhalhaka.

I tookhethalha fthowa nekase. I tookhetha wati dodwase i ewlinho fthowa. Nema txhua setsnehe ke nolhaka de elsinete, Yaathe ke i nekahe. May elsinete é jogankya, i nete owa khlaithe. Nolhaka toonawa ta saykhlete. Nema owa txtxayalha txhua ke noxte khia. Theeke sakinte txhua elsnese ke. Txhua otxaxkya eyawa ta futxman etxte khia neho waley, txhua txidjowa, tato teeyni khiaka de. Txhua kitxhia walxakadwawa lay etxte, txhua maltxi walxakadwawa. Nema nehowa lay etxman, isya, itookhethanelha etxte khia neho txhufnite tate phuphunese nete. Txhua tate ta etxondowa awa kfedjo nete. Nema nehodeke... Nehodeke eyalhaka de, may yaosla eflidwa khiaka de. Ya tetialhaka de. Nekdey ya sesa eduti ke, txhua sasa tsa khia, sasatnise khia ke.

– Neso! Neso! Koxi, muyé, a oxi neso ke owa kte nelhaka de.

Nema unima ya nedeka hle ya txtxo khia, mew fiw. Nema nekawde te i kfalse txakhankya dehe.

Isilha, fliwalha, fliwanelhalhaka. Nema kokhmati lhawa eefelha fthowa nelhaka de owa fowalha ke. Nema nehode neho noxte khia fowa tuy. Neka tempo ke nato nelhaka de txhua engenho te donesaka de ta tetxdjowa khia te hendelu. Nema nehode kixte khia kabasawa ke. Txhua leya nato djwa lay. Nema ya sdey txhua xiklawe djoawa ta koxte khia. Nema txhua phuphunesee yeehaxte khia txhua nato, ama ekhde?

Nema nehode te sainte. I sainkya khlakase hle de. I neka khla nankyase, i dokhea khla nanse hle. Ama ekhde?

Nema itkha ewlinhose itookhetha naniho tsea khia de. Toonawa... nekdey e holhaka toonawa te saekhlete. Nema yoo wati ya dokhea wati dose khia de neho wake yankyake. Toonawa de nekdey ewdowa khia. Nekdey etxte, enhen, itookhethanelha ke txilhaka de:

– Findey, i neho te saekhleke. Unika tetixi. Nema ya neho eytxinene, neso ya eytxinene, nehowa sato yeetxite. – Ta nelhaka.

Nema ta netnelhasatkwa fotxha ke i lhawa txkwa teka de. Ta didilhasato fekhdi nekasewde exnete, ama ekhde?

Nema i wa kfalselha naaneka teka de. Senenkyaalha kaka watoawa saykhlelha takanema, nekte neho wati te neho ke kote, may sakmana yasa netkadekahe.

A nahalhaka owa: itkhamti lhawa tole ya txadialhakane awa setsnelhelha ke tafolha te txhua kfelnese wake ya holhaka, ama ekhde? Nema i txi newde, i txman txhua ya etxondowawa ya saintxkya hle de txhua yamtitwawa ke.

Txhunika ktoawankya ke Eedjadwalha nandoho. Nema nekke i fman nekawdeke ya txtxo lhawa te Ta hahanelhasatkwa dehe, ya fman senenkya tediase lwa ta etenelhasatkwa. Salhankyake nelhakahe, ama ekhde?

Nekdey thoolhasatkwa teka away, may safmana needefasa. Nema i wakelha neka dede. Wa satkhalhalaykya txtxa makkye. Nema wa txtxolha kaka ti walha Take nexto lha nelhakke takanema wa unikawde, wa txtxolha sasnidwa kakawke, wa txalhaknokahe. Nema wa satxtxolha neka ekhdete, ama ekhde? I fman lhawa i thelha i thefea hle fasa.

Nossa Vida Era Assim

Teresa Maria do Espírito Santo

Eu era pequena, já falava Yaathe. Então minha mãe falava Yaathe, mas ela não me ensinou a falar em Yaathe. Era o que eu mais queria: aprender a língua. Eu vivia procurando os que tinham mais conhecimento do que eu da língua. As velhas me ensinaram a falar a língua.

Hoje eu vejo que só se interessam em estudar coisas do branco. Só colocam isso na cabeça. Não era assim quando éramos pequenos. O índio que valorizar a língua e procurar aprender, ele aprende rápido, sem precisar estudar coisas de não índio, sabe? Eu vejo hoje que se iludem com o discurso dos não índios. Aí fica difícil porque não é certo. O índio que busca mesmo a língua, aquele que busca falar e colocar a nossa língua na cabeça, o que era difícil fica fácil.

Quando eu era pequena, eu não era assim, não, porque eu era muito humilde, sabe? Nem roupa eu tinha! As velhinhas iam na casa dos não índios. Elas pegavam as roupas usadas. As velhas traziam e me davam para eu vestir. Hoje não é como no tempo passado. Hoje ganhamos até presentes. O meu coração é bom. Então eu vivo rezando a Deus.

Eu já vi muitas coisas ruins. Mas também já vi muitas coisas boas. Hoje nós estamos vendo coisas boas, mas a gente não sabe o que é que faz com todas as melhorias. Nós mesmos trabalhamos no meio de muita gente, sabe? Que só anda querendo as coisas. Alguns só pensam na grandeza; anda gente aí querendo ser maior do que o outro.

Aqueles do passado, aqueles que passaram, os velhinhos, andavam em vários lugares para conseguir algo. Quando conseguiam alguma coisa, eles dividiam com os outros necessitados. Eles faziam assim, sabe? Eles não faziam as coisas só para si. Eu agradeço tudo isso que vi dos meus antigos. Nós não somos como os privilegiados. Nós não somos. Porém, estamos melhor agora, graças a Deus. Estamos melhor. Hoje nós não andamos pedindo esmola nas portas, como os outros, para comer. Deus não deixa a gente pedindo emolas. Por tudo isso, nós agradecemos a Deus. E foi por isso que Deus concedeu à gente: para estarmos felizes.

Vocês que são meninos, mais jovens do que eu, têm de se interessar e procurar saber falar sobre o nosso idioma, aí vocês vão saber falar. Porque isso ajuda.

A gente não é assim.

Toda vez vocês sempre falam a língua dos outros, a língua deles. Mas sabemos que alguns não índios não respeitam esta terra. Então isso é muito ruim para a gente, sabe? Enquanto vocês respeitarem essa terra aqui, vocês terão muita felicidade. Era o jeito dos nosso antigos, mas não é o jeito de vocês agora, dos nossos parentes. Os meus antepassados não eram como eu, entende?

A minha mãe descosturava a roupa dela para eu poder vestir, para fazer roupa para eu vestir. Nós não somos mais assim, sabe? Estamos agradecendo a Deus por esses tempos passados. Estou agradecendo a Deus por estar passando esses dias todos. Enquanto isso, eu não sou mais como era antigamente. Os meus parentes não são como eu era antigamente.

É disso que eu estou falando para vocês. De novo, nós andávamos assim, pela caatinga, caçando o que comer, caçando o de comer. Até os bois mortos no mato nós pegávamos, nós andávamos feito urubu. Então, morria uma vaca, morria uma vaquinha, dizem: sim. Vamos procurar.

Ainda lembro da minha irmã que morreu. Ela era mais velha do que eu. Quando era mocinha, vinha mais um velho, velho Vicente, por dentro do mato. Por onde o urubu ia, a gente ia atrás. Então quando um bicho caía, eles chegavam em cima e levavam para fazer a comida. Até isso nós repartíamos entre aqueles que não iam. Eles diziam tome para uns e para os outros, tome esse.

Nós fazíamos isso.

Eu tive um pai. Não foi meu pai quem me criou. Então ele ia para aquela cidade jogar, jogar, como eu digo em Yaathe. Mas elsinete é jogatina, para eu dizer na fala dos não índios. Ele ia para conseguir uma coisinha. Um dia ele ia de noite. Ele sentava ali. Quando arrumava dinheiro, pouquinho, vinha com aqueles peixes, rabo de boi que ele comprava. Vinha com aquele litrinho de farinha, aquele litrinho de milho. Aí quando ele chegava com aquilo, minha mãe pegava para fazer fubá. Aquela mistura que ele trazia. Então tudo isso... Tudo isso era pouco, mas nosso coração era limpo. A gente tinha pena. A gente sempre dava para as pessoas mais pobres do que a gente, para as pessoas que estavam perto da gente.

– Fulano! Fulana! Vá, mulher, dar um pouquinho de comer naquela dali.

Hoje não somos mais como éramos antes. De tudo isso eu ainda me lembro.

A minha avó era uma velha, uma velhinha. O parceiro dela tinha um sítio lá na serra. Ele ia para a serra. Nesse tempo tinha mel daquele engenho de cana-de-açúcar que o rendeiro dele fazia. E ele tirava em uma cabaça. Aquela cabaça cheia com mel. Aí a cada uma de nós ele dava uma xícara cheia. Com aquele fubá nós comíamos o mel, sabe?

Nós nos deparávamos com tudo isso. Eu já enfrentei muitas dificuldades. Eu já passei muita coisa, eu já passei muita fome. Sabe? Quem me criou foi meu padrasto. Ele andava muito para conseguir uma coisinha. Aí a gente não passava muita fome por conta do que ele fazia por nós. Ele andava em busca de coisas. Chegava para minha mãe e dizia:

– Finda, olha, eu arrumei isso. E aí nós vamos chamar fulano, nós vamos chamar fulana, nós vamos chamar as pessoas para comer uma coisinha, ele dizia.

Por conta dessas ações dele, eu estou aqui. Contando essas histórias.

Eu estou mostrando para vocês. Quando vocês conseguirem algo bom, sejam solidários e compartilhem com os outros.

Veja isso: eu saía com esse meu camarada, nós andávamos nas cidades, apresentando nossa cultura, entende? E quando ele vinha de lá, quando chegava tudo aquilo que nós trazíamos, nós dividíamos com os nossos amigos.

Tudo isso Deus está vendo. E por isso eu acho que Deus teve compaixão de nós. Deus melhorou o nosso caminho. Por conta de Deus nós contamos essa história, sabe?

Sempre alguns procuram coisas só para si. Então eu digo a vocês que não é assim. Vocês vêm se preocupando para a vida de vocês melhorar. Se vocês orarem muito, vocês conseguirão, fazendo isso, vocês terão uma vida melhor. Vocês vão saber se organizar melhor, sabe?

Para mim, essas são as minhas histórias.

That was our life

Teresa Maria do Espírito Santo

I was little, I already spoke Yaathe. My mother spoke Yaathe, but she never taught me to speak Yaathe. It was what I wanted most: to learn the language. I was always looking for those who had more knowledge about the language. The old ladies taught me to speak the language.

Now I understand that most people are only interested in studying white people's things. That's all they want to know. It was not like that when we were little. The indians who values their language and try to learn it, will learn quickly, without the need of studying non-indian things. I know that some of them delude themselves with non-indians discourse. It gets difficult then because it's not right. That Indian who goes after his or her language, who tries to speak his or her language, top ut it in his or her head will notice that whatever it's difficult will become easier.

When I was little, I was not like that; I was very humble. I had no clothes to wear! The old ladies went to the homes of non-indian people and asked them for second-hand clothes. The old ladies brought second-hand clothes and gave them to me so I had something to wear. Today is not like in the past. Today we win gifts and all! My heart is good. So I keep praying to God.

I've seen many bad things. But I have seen many good things too. Today we see good things, but we do not know what to do with all the improvements. We ourselves are in the middle of a lot of people, you know? Those people just want things for them. Some of them only think of opulence. There are so many people out there who just want to be better than their fellows.

Those of the past, those who have passed, the old men, they struggled a lot to have something. When they had something, they shared it with others in need. They were like that, you know? They didn't keep things only for themselves. I appreciate all that I've learned from my ancestors. We are not like the privileged people. We are not. But we are better now, thank God. We are better. Now we don't have to go around begging on the doors, so we can have something to eat. God does allow us to beg any ore. We thank God for everything. And that's why God has given yhis to us: so we can be happy.

You who are just boys, much younger than I. You have to be interested and try to speak our language, then you will be able to speak it. Because it helps.

We are not like that.

You always speak the language of others, their language. However, we know that some non-indians do not respect this land. So this is very bad for us, you know? As long as you respect this land here, you will be very happy. This was the way of life of our ancestors, but it's not your way of life now, the way of life of our relatives. My ancestors were not like me, do you understand?

My mother resized her own clothes for me to wear; she used her own clothes to make clothes for me to wear. We are not like that anymore, you know? We thank God for not being like the old days. I thank God because these days are over now. Meanwhile, I am no longer as I was before. My relatives are not like they were before.

That's what I'm talking to you. Again: we walked around the caatinga, hunting for something to eat, hunting for food. We used to get dead cattle; we were like vultures. So if a cow died, if a little cow died, we were like "ok, let's go and find it".

I still remember my sister who died. She was older than me. When I was girl, there was this old man, old Vicente, who came from the bush. Wherever the vultures were, we went there. So when an animal fell dead, they came up and took it to make food. Even that we used to share among those who could not go there. They said: "take this for some of you and that for some others".

That's what we used to do.

I had a father. It was not my father who raised me. Then he went to that city to play, to play, as I say in Yaathe. But "elsinete" is gambling, so I can translate it into the non-indian language. He went there to get a little something. Sometimes he went there in the evening. He sat there. When he got some money, some little money, he returned with fish, oxtail, anything that he bought. He came back with that bottle full of manioc flour, that little bottle full of corn. Then when he came with these things, my mother took the corn to make cornmeal. With that little something that he brought. So that was that. We didn't have a lot of things, but our heart was clean. We pitied the unfortunate ones. We always gave things to people who were poorer than us, to the people who were close to us.

– John Doe! Jane Doe! Go, woman, give a little something to those people, so they can have what to eat.

Today we are no longer as we were before. I still remember all these things.

My grandmother was an old, old lady. Her partner had a place there in the mountains. He went to the mountains. At that time, there was honey from that

sugarcane mill that the worker over there used to make. And he collected it in a gourd. That gourd filled with honey. Then he gave a full cup of honey to each of us. We then ate honey with that corn meal, you know?

We used to experience all these things. I have faced many difficulties. I've been through a lot, I've experienced hunger, you know? I was raised by my stepfather. He did a lot of things to get a little something. So we didn't get hungry because of what he did for us. He was Always looking for something. He used to say to my mother:

– Finda, look, I found this. We are going to invite John Doe, Jane Doe, are going to invite everyone to eat a little something - he said.

Because of these actions, I'm here. Telling these stories.

I'm telling you. When you get something good, be helpful and to share it with other people.

Consider this: I used to go out with this buddy of mine, we went to the big cities to present our culture, you know? And when he arrived from there, when we arrived with all the things that we got there, we shared everything with our friends.

God is watching us. That's why I think God had mercy on us. God has improved our life. It's because of God that we tell this story, you know?

There's Always someone looking for some things just for himself. So I say to you that it should not be like this. You worry to have a better life. If you pray a lot, you'll succeed. If you do so, you will have a better life. You will learn how to get organized, you know?

These are my stories.

Arquivo com fotos e descrição dos informantes



Eloi Lucio Cajueiro de Amorim, 78 sokhlokhdonkya sato take sandowa. Sekefe te sakhoneho nede txfonho. Sake yakhdese txhaknexa sato ke etka noka, owa yastowa de sekefe de ta yakhdese. Nede sate hahanse satxfonse Yathewna ke.

Eloi Lucio Cajueiro de Amorim, 78 anos. Agricultor e caçador. Repassa aos jovens da comunidade os seus conhecimentos de agricultura e as suas habilidades de caça, sempre na língua Yaathe.



Taity Correia de Amorim, 31 sokhlokhdonkya sato take sandowa. Yaathe sekeyniho sekeynise ke Efxhetha Rondon. Ta sekeynise de sekhodjo tetkya Yaathe ke sekeynite. Nema Yaathe ke ta tetkya nede te djineka sekhodjo nanese.

Taity Correia de Amorim, 31 anos. Monitor de língua materna Yaathe na Escola Indígena Marechal Rondon. Elabora os materiais de ensino da língua e escreve contos e peças de teatro na sua língua materna.



Aristide Leite Machado, 76 sokhlokhdonkya sato take sandowa. Sekefe te sakhoneho nede yakhdeho sekhletxase Fulni-ô Yaathe ke tetx'xite lahele. Nede ta keynika titdjowa sato sekhletxase tlixixi, nede Tole Fulni-ô eksa wati sekhletxase sato.

Aristide Leite Machado, 76 anos. Agricultor e mestre de canto Fulni-ô. Compõe cânticos em Yaathe e ensina aos mais jovens as melodias das cafurnas, que são os cânticos tradicionais Fulni-ô, além do Toré.



Rita Santos de Matos, 67 sokhlokhdonkya sato take sandowa. Sekefe te sakhoneso nede seti eksatso. Titdjoa sato etkha neka nede senenkya exinete Yaathe ke saathatkyama. Sake yastowa ke yaadedwa sato de exine hesanenti Yaathe nolnekama.

Rita Santos de Matos, 67 anos. Agricultora e dona de casa. Conta histórias para os jovens e os incentiva a conversarem na sua língua materna. Grande transmissora da língua para as crianças da família.



Abdon dos Santos, 66 sokhlokhdonkya sato take sandowa. Sekeynise setso Fulni-ô Efkhetha Rondon ke sekeyniho. Sekhletxase tetiho Yaathe ke sake yakhdese etlonseheman txhathnete Yaathe ke sekhodjo teeke ta naneka sake yastowa sa khletxhase elay ta neka txhathnete.

Abdon dos Santos, 66 anos. Monitor de língua materna Yaathe, na escola Estadual Indígena Fulni-ô Marechal Rondon. Compositor de cânticos em Yaathe como proposta de manutenção da língua e de fortalecimento de sua cultura. Tendo observado que a língua de sua comunidade estava vulnerável, utilizou as expressões da língua que poderiam estar em desuso em seus cânticos.



Romildo Barbosa de Lima, 73 sokhlokhdonkya sato take sandowa. Yastowama feytonho, feytondoho hle. Khonefan, Yaathe awde ekhdeho nekke ei fasadwa wati titdjowa sato efma ekhdetkaho sato khofean. Yaathe newde sekhodjo teeke. Neho thake teekhdeka lahe yastowa Fulni-ô de senenkya ekhla teekhdeka.

Romildo Barbosa de Lima, 73 anos. Funcionário público aposentado. É um profundo conhecedor da língua Yaathe e por isso é muito procurado pelos jovens que querem saber mais sobre a língua e a cultura, pois também conhece muito a história do povo Fulni-ô.



Agenor Ferreira de Sá, 86 sokhlokhdonkya sato take sandowa. Fehetxikhe tetiho kleyniho khia hesa yatsnehe ke. Sekefe te sakhonehose newde setso khodjo te ta feytone khiaka. Makhay, otxhaya nede tsaka ta teti khiaka. Uunima hle ta feytondotkya hle. Fulni-ô sato eke senenkya ke newde titdjowa sato efman, tatxnidwa hesa Yaathe, nede ya yakhdese etxtxa ke.

Agenor Ferreira de Sá, 86 anos. Foi um dos primeiros sapateiros da aldeia. Também foi agricultor e artesão, fazia flechas, machados e maracás. Atualmente aposentado, é uma rica fonte de informação para os jovens em relação à história do povo Fulni-ô, sua língua e cultura.



Maria Brasilina de Amorim Ferraz, 65 soxhlokhdonkya sato take sandowa. Eytixedonkya Batá te. Sekefe te feytonhoso nede setso khodjo sakhoneso. Ekhodjo de ta teti khiaka khoxkya elay, setitxtxose, aseá, aseá thluliane nede txfone. Ta satkhalay watika Yaathe etlonsete nede ta fdaka nekawde sake yastowa sato khofean, ta saowte satnideka titdjowa sato eyfasama.

Maria Brasilina de Amorim Ferraz, 65 anos, conhecida como Batá. Agricultora e artesã. Fazia trabalhos em palha – vassouras, esteiras, tapetes e bolsas. Preocupa-se muito com a manutenção da língua e procura transmiti-la para sua extensa prole, não se negando a conversar com os jovens que a procuram.



João Lúcio Cassimiro, 76 sokhlokhdonkya sato take sandowa. Setxfonho. Ta feytonkya khiaka elitxoá nede lefeysaka eltxite. Neho dmaneho wati yake senenkya sato exinekaman ekhedeho wati Yaathe ke newde ekhedeho wati yastowa sato sawkya txtxose nede saykhledwa sato.

João Lúcio Cassimiro, 76 anos. Caçador. Trabalhava tirando couro de animais, como vacas. É um excelente narrador de histórias na sua língua e conhece muito da luta e das conquistas do seu povo.



Teresa Maria do Espírito Santo, 67 sokhlokhdonkya sato take sandowa. Setso khodjo sakhoneso, khoxkya te ta feytone khiaka, asea tetkyã, setitxtxose, asea thluliane nede txfone. Ya yakhdese de nawde tetkya ekhdeeso. Yaathe saathatkya, efman efeeka, Tole nede Kafurna eseka nede khletxaka dmanese elay. Ta ekhdese awde yaadedonkya nede sea yatilha ke.

Teresa Maria do Espírito Santo, 67 anos. Artesã, trabalhava com palha, fazendo esteiras, vassouras, tapetes e bolsas. Referência para vários aspectos da cultura. Fala a língua, da qual muito se orgulha, canta e dança toré e cafurna com muita elegância. Repassa esses conhecimentos para as meninas e moças da aldeia.